

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

**Análise dos discursos de jovens nadadores na fase de transição da  
categoria Júnior para Sênior**

Elis Mayara Nobre Moreira

São Paulo  
2019

ELIS MAYARA NOBRE MOREIRA

**Análise dos discursos de jovens nadadores na fase de transição da  
categoria Júnior para Sênior**

Dissertação apresentada à Escola de  
Educação Física e Esporte da  
Universidade de São Paulo, como requisito  
parcial para a obtenção do título de Mestre  
em Ciências

Área de concentração: Estudos  
Socioculturais e Comportamentais da  
Educação Física e Esporte

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos  
Simões

São Paulo

2019

Catálogo da Publicação  
Serviço de Biblioteca  
Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

Moreira, Elis Mayara Nobre

Análise dos discursos de jovens nadadoras na fase de transição da categoria junior para sênior / Elis Mayara Nobre Moreira. -- São Paulo : [s.n.], 2019.

102p.

Dissertação (Mestrado) - -Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Simões

1. Natação 2. Atletas 3. Transição de carreira I. Título.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

---

**Autora:** MOREIRA, Elis Mayara Nobre.

**Título:** Análise dos discursos de jovens nadadores na fase de transição da categoria Júnior para Sênior.

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Data \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

### Banca Examinadora

Prof. Dr.: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Julgamento: \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho a Gabriel Gonçalves Colombo

## AGRADECIMENTOS

---

Ao meu orientador, Prof. Dr. Antonio Carlos Simões, um dos ícones da Psicologia do Esporte no Brasil, pela paciência e parceria, o meu muito obrigada por todos os ensinamentos e pela partilha nesta jornada.

Ao Prof. Dr. João Ricardo Cozac, por acreditar em meu potencial e me incentivar, sendo sempre fonte de apoio.

Aos professores da Universidade de São Paulo, que ministram aulas na Escola de Educação Física e Esporte, Instituto de Psicologia e na Faculdade de Medicina.

Aos clubes envolvidos nesta pesquisa, assim como seus funcionários e atletas.

À minha família que me inspira a buscar conhecimento e crescimento através da minha profissão.

Aos meus amigos, pela escuta amorosa e paciência inesgotável.

*“In a world full of people, only some want to fly. Isn't that crazy? (...)  
But we're never gonna survive, unless we get a little crazy”*

**Seal**

## RESUMO

---

Moreira, E. M. N. **Análise dos discursos de jovens nadadores na fase de transição da categoria Júnior para Sênior**. 2019, 102 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2019

A transição, nos esportes, do nível Júnior para Sênior é percebida pelos jovens atletas como um grande passo, associado a padrões muito mais elevados em sua prática e desempenho, pois nesta fase a exigência é muito maior do que já experimentaram anteriormente. Estudos discutem que o resultado da adaptação à transição depende da relação que o atleta estabelece entre as exigências da situação e seus processos internos. A realidade pode ser vista como ameaçadora, geradora de mal-estar, ou como desafiadora e beneficiária, e essa percepção influenciará na possibilidade de haver uma adaptação positiva ou negativa como resultado da transição. A assistência psicológica para atletas em transição de carreira tem o objetivo de prevenir crises durante o processo. O presente estudo teve, como foco principal, investigar, no âmbito da natação, a partir da análise de discursos, quais sentidos que jovens nadadores de ambos os sexos atribuem à fase de transição da categoria Júnior para a Sênior e o trabalho realizado pela psicologia esportiva no esporte de alto rendimento. Os discursos de 20 nadadores da categoria Júnior foram analisados às luzes do método intitulado Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) através de duas questões abertas, uma focada na transição e outra no trabalho do psicólogo. Foram encontradas evidências, nos discursos dos atletas, de que é difícil ou complicado passar por esta transição. Constatou-se também, por parte dos entrevistados, representações sociais de satisfação com o processo de transição. Os discursos coletados também revelaram que os atletas percebem como positivo e valorizam o trabalho psicológico realizado com indivíduos que estão nesta fase de transição. Frente às representações sociais de dificuldade no período de transição encontradas nos discursos dos atletas, sugere-se a implementação de protocolos de intervenção para trabalhar tais demandas, a fim de que os atletas desenvolvam habilidades de enfrentamento e resiliência.

**Palavras-chave:** Natação; transição de carreira; discurso do sujeito coletivo.

## ABSTRACT

---

Moreira, E. M. N. **Discourse analysis of young swimmers in the transition from junior to senior.** 2019, 102 f. Dissertation (Master's degree in Socio-cultural Studies and Behavioral of Physical Education and Sport) – School of Physical Education and Sports, University of São Paulo, São Paulo, 2019.

The transition from junior to senior sports is perceived by young athletes as a big step forward, coupled with much higher standards in their training and performance, once the requirements at this stage are much higher than they have ever experienced before. Studies debate that the results of the adaptation for the transition phase depend on the relationship established by the athlete between the demands of the new situation and related internal processes. The reality can be seen as threatening and discomfoting or challenging and beneficial. This perception will positively or negatively influence the overall adaptation resulted from the transition. Psychological assistance for athletes in such career transition aims to prevent crises along the process. The present study focused the investigation at the swimming scope, based on the testimonial analysis which senses young swimmers of both sexes attribute to the transition phase from junior to senior category, and the work performed by sports psychology in the sport of high yield. The testimonials of 20 junior swimmers were analyzed in the light of the method entitled “Collective Subject Discourse” through two open questions: one focused on transition and the other on the psychologist work. Pieces of evidence were found in athletes' discourse pointing that it is difficult or complicated to go through this transition. The interviewees also found social representations of satisfaction with the transition process. The collected testimonials also revealed that athletes perceive the transition as positive and value the psychological work with individuals who are in this transition phase. Considering the social representations of difficulty in the transition period found in the athletes' testimonials, it is suggested the implementation of intervention protocols to address such demands, in order to develop athletes' coping skills and resilience.

**Keywords:** Swimming; career transition; collective subject discourse.

# SUMÁRIO

---

<b>1 Introdução.....</b>	<b>10</b>
1.1 Caracterização situacional do problema .....	14
1.2 Objetivos .....	14
1.2.1 Geral .....	14
1.2.2 Específicos .....	14
1.3 Justificativa.....	15
1.4 Delimitação do estudo .....	16
1.5 Revisão de literatura .....	16
1.5.1 A natação competitiva .....	16
1.5.2 Fases de transição na carreira esportiva .....	20
1.5.3 Transição da categoria Júnior para a Sênior .....	22
1.5.4 O Discurso do Sujeito Coletivo e as representações sociais .....	25
1.5.5 O Discurso do Sujeito Coletivo no contexto esportivo brasileiro .....	30
1.6 Hipótese descritiva.....	33
1.6.1 Central .....	33
1.6.2 Complementar .....	34
<b>2 Material e Métodos .....</b>	<b>35</b>
2.1 Casuística .....	35
2.2 Instrumento de pesquisa .....	36
2.3 Coleta de dados .....	38
2.4 Procedimento .....	38
2.4.1 Primeira fase .....	38
2.4.2 Segunda fase .....	39
2.4.3 Terceira fase .....	39
<b>3 Apresentação dos Resultados .....</b>	<b>41</b>
3.1 Questão 1 – Como é para você viver a transição do Júnior para o Sênior? ....	41
3.2 Questão 2 – Qual a sua opinião sobre o trabalho de um psicólogo do esporte com atletas que estão nesta fase?.....	57
<b>4 Discussão dos Resultados .....</b>	<b>70</b>
4.1 Adaptações e expectativas inerentes à categoria Júnior .....	70
4.2 Discussão sobre as categorias apontadas – Questão 1 .....	71
4.3 Discussão sobre as categorias apontadas – Questão 2 .....	76

<b>5 Conclusões .....</b>	<b>78</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>79</b>
<b>Apêndice A: Discursos dos sujeitos na íntegra .....</b>	<b>84</b>
<b>Anexo A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....</b>	<b>98</b>
<b>Anexo B: Termo de Assentimento .....</b>	<b>101</b>

## 1. INTRODUÇÃO

---

Em 1968, o biólogo austríaco Ludwig von Bertalanffy publicou o livro “Teoria Geral dos Sistemas” com o objetivo de identificar os princípios gerais do funcionamento de todos os sistemas (BERTALANFFY, 1977). Esta teoria é aplicável a diversas ciências empíricas e transcende as fronteiras disciplinares. Na área da Educação Física, especificamente, TANI (2011) aborda a importância do paradigma sistêmico como contribuição para o estabelecimento e desenvolvimento de um corpo de conhecimentos específicos.

Para compreender o pensamento sistêmico, é necessário trabalhar com três dimensões: a *complexidade*, a *instabilidade* e a *intersubjetividade*, as quais possuem uma relação de recursividade entre si, ou seja, são necessárias as três para cada uma delas existir. A dimensão da *complexidade* do sistema se concretiza quando o observador amplia o foco de observação, contextualiza o fenômeno, reconhecendo relações intersistêmicas e intrassistêmicas. Ao reconhecer o dinamismo das relações presentes no sistema, o observador tomará contato com a dimensão da *instabilidade*, com as conseqüentes: indeterminação, desordem, irreversibilidade, acaso, ordem a partir das flutuações e auto-organização. E, ao reconhecer a sua própria participação no sistema, na construção da “realidade”, o observador atuará no espaço da *intersubjetividade* (GASPARIAN, 2004; VASCONCELLOS, 2012). Esta proposição pode ser útil na ampliação do estudo do sistema esportivo.

Considerando esta visão de ciência, propõe-se com este estudo o aprofundamento nos conceitos construídos por jovens nadadores diante da sua realidade, focalizando uma das fases de transição em suas carreiras. Outro ponto de partida para tal é a perspectiva da teoria das representações sociais, que surgiu da obra de Serge Moscovici, intitulada *La psychanalyse: son image et son public*, publicada na França em 1961 (MOSCOVICI, 2005).

Moscovici trabalha com as representações sociais a partir da perspectiva de Durkheim, demonstrando a indissociação entre indivíduo, grupo e sociedade (LANE, 1993). As representações sociais são conceitos originados na vida cotidiana através da troca entre os indivíduos e podem ser vistas como a versão contemporânea do

senso comum (SÁ, 1996). Para JODELET (2002), as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado e que contribui para a construção de uma realidade comum a um grupo social.

Esta abordagem considera a diversidade dos indivíduos com sua instabilidade, imprevisibilidade e, mesmo assim, se propõe a descobrir como estes indivíduos e grupos conseguem construir um mundo minimamente estável e previsível a partir desta diversidade. Ao considerar as representações como sociais, parte-se do pressuposto de que são simbólicas e possuem tanto elementos perceptuais quanto cognitivos; trata-se de um campo de pesquisa complexo.

Os sistemas simbólicos e as representações sociais não se dão no vazio, já que são influenciados por condições relativas a seu contexto histórico cultural. Assim como abordam BERGER e LUCKMANN (2003), os seres humanos constroem a realidade e interpretam a vida cotidiana subjetivamente, dando sentidos a ela na medida em que a organizam.

A realidade cotidiana, inclusive, se diferencia das outras realidades das quais se tem consciência, pois no mundo da fantasia estamos sozinhos. Porém, o mundo da vida cotidiana é tão real para nós quanto para os outros, por isso não é possível existir na vida cotidiana sem estar em constante interação com os outros. Desta forma, conclui-se que a realidade é construída socialmente.

É a partir do ambiente familiar que o indivíduo se constrói enquanto sujeito e aprende a se relacionar com os outros. A família funciona como primeiro agente socializador e é por meio desta socialização primária que se dá a construção do primeiro mundo do indivíduo (BERGER e LUCKMANN, 2003). Posteriormente, a escola e outras instituições se unem a este processo, aumentando as referências sociais do indivíduo. O esporte está inserido no contexto escolar e a sua prática é valorizada pelas famílias, pois pode contribuir para aquisição de regras de conduta e normas de comportamento, além da formação da personalidade.

Atletas de alto rendimento comumente iniciam sua carreira ainda na infância ou adolescência, tendo a família, a escola e os clubes esportivos como facilitadores ambientais para o primeiro contato com o esporte. SIMÕES (2009) aponta uma preocupação no modo como os adultos, que estão em volta da criança ou do adolescente que pratica o esporte, irão lidar com esta relação, pois podem facilitar

ou restringir a participação infantil no esporte. E o papel do adulto influenciará a forma como estes indivíduos irão encarar o esporte de rendimento. Desde muito cedo a família, assim como os professores, pode mediar a relação que o atleta estabelece com o esporte.

Diversos estudos ressaltam a influência dos aspectos psicossociais no desenvolvimento de um atleta de alto rendimento, sendo que muitos deles enfocam a importância da participação familiar para se chegar ao alto nível esportivo (BLOOM, 1985; HELLSTEDT, 1987; COTÉ, 1999; VIANNA JÚNIOR, 2002; MORAES *et al.*, 2004; PERES e LOVISOLO, 2006; MENDONÇA *et al.*, 2007; MARQUES e SAMULSKI, 2009; SILVA, 2009; MASSA *et al.*, 2010; SILVA e FLEITH, 2010; FERREIRA *et al.*, 2012; FERREIRA e MORAES, 2012; PACHARONI e MASSA, 2012; LIMA *et al.*, 2013; MASSA *et al.*, 2014; FOLLE *et al.*, 2015; PACHARONI e MASSA, 2015; REIS *et al.*, 2016;). A psicologia esportiva está muito envolvida em estudos que investigam os fatores que influenciam o desenvolvimento de um atleta.

Na literatura existem muitos estudos que tratam o termo “transição de carreira esportiva” como sinônimo de aposentadoria ou encerramento da carreira esportiva (SINCLAIR e ORLICK, 1993; BRANDÃO *et al.*, 2000; MARKUNAS, 2012; FERREIRA JÚNIOR, 2014). No capítulo “Career Transitions and Career Termination”, ALFERMANN e STAMBULOVA (2007) fazem a distinção entre os conceitos “carreira esportiva”, “transição de carreira” e “término de carreira”, e expõem modelos de transição de carreira. As autoras tratam o conceito de “carreira esportiva” como uma sucessão de fases e transições, começando na iniciação até a aposentadoria, e sugerem como metáfora o nosso percurso de vida, dividido nas fases: infância, adolescência, fase adulta e velhice.

No conceito “carreira esportiva” também se consideram parâmetros de desenvolvimento, como objetivos conquistados e aspectos subjetivos, como satisfação pessoal. Um ponto importante a ser ressaltado é o fato de que muitos jovens não conseguem alcançar o esporte de elite, abandonando a prática ou permanecendo em níveis mais baixos de competição, pois não conseguem ter sucesso durante alguma das fases de transição da carreira esportiva.

O conceito de “transição” no esporte é analisado de duas formas: a transição pode ser considerada normativa, neste caso ela é mais previsível, tornando possível ao atleta se preparar antecipadamente, ou não normativa, considerada mais difícil

de enfrentar devido à sua imprevisibilidade, por exemplo, quando o atleta se lesiona (WYLLEMAN e LAVALLEE, 2004; ALFERMANN e STAMBULOVA, 2007). O “término de carreira” é o conceito mais explícito e esta fase de transição mistura tanto os aspectos relacionados ao esporte como os aspectos que não se relacionam à vida esportiva daquele atleta.

BRANDÃO *et al.* (2000) realizaram um estudo de revisão sobre carreira esportiva e apontaram que as transições do esporte infantil para o juvenil, do esporte amador para o profissional e do término de carreira têm características próprias e por isso devem ser estudadas separadamente. Ressaltam ainda que não existem muitas pesquisas na área realizadas com métodos múltiplos, como a metodologia qualiquantitativa, e que isto seria de grande valia para uma melhor compreensão do fenômeno.

À medida que se aprofunda na temática da carreira esportiva, encontram-se diversos estudos que discutem modelos de transição de carreira. Estes modelos foram desenvolvidos porque, apesar de cada atleta possuir uma história única, é possível perceber aspectos em comum quando são observados grupos de atletas e o que os pesquisadores anteriores obtiveram, como pontos em comum em seus resultados, guiaram a construção de alguns destes modelos (STAMBULOVA, 1997; STAMBULOVA, 2003; ALFERMANN e STAMBULOVA, 2007; GOMES e DOMINGUES, 2016).

A temática das fases de transição no desenvolvimento de um atleta ainda é muito vasta enquanto área de investigação, demandando pesquisas referentes às fases específicas na carreira dos atletas, como também na compreensão de características relevantes às diversas modalidades esportivas, já que este é um aspecto que diferencia fundamentalmente o percurso dos atletas na construção de sua identidade profissional e carreira. A abordagem sistêmica e a teoria das representações sociais podem contribuir com a psicologia do esporte para a compreensão destes fenômenos no contexto esportivo.

## **1.1 Caracterização situacional do problema**

A literatura traz à tona algumas teorias e concepções acerca das fases de transição durante a carreira esportiva de um atleta. Entretanto, algumas dúvidas permanecem como paradigmas dignos de serem investigados, especialmente se o foco estiver na fase de transição da categoria Júnior para Sênior, considerando a modalidade esportiva e o contexto sociocultural em que vivem os jovens de nosso país.

## **1.2 Objetivos**

### **1.2.1 Geral**

Investigar no âmbito da natação, a partir da análise de discursos, quais sentidos que jovens nadadores de ambos os sexos atribuem à fase de transição da categoria Júnior para a Sênior e ao trabalho realizado pela psicologia esportiva no esporte de alto rendimento.

### **1.2.2 Específicos**

- Verificar se os discursos de jovens nadadores são efetivamente instrumentos de poder para descrever as características psicossociais relativas à fase de transição da categoria Júnior para Sênior.

- Identificar e categorizar em figuras metodológicas os discursos de jovens nadadores no que se refere aos aspectos que envolvem a fase de transição da categoria Júnior para a Sênior e o trabalho realizado pela psicologia no esporte de alto rendimento.

### 1.3 Justificativa

Como já visto comumente na literatura especializada, o termo “transição de carreira esportiva” é empregado como sinônimo de “encerramento da carreira esportiva” e muitos estudos na área da psicologia são realizados com este enfoque, mas pouco se pesquisa sobre as outras fases da carreira de um atleta. Na natação e em outras diversas modalidades, muitos jovens abandonam o esporte competitivo durante a fase de transição da categoria Júnior para a Sênior ou na fase de profissionalização, o que nos faz pensar na importância da investigação sobre este período na carreira de um atleta, a fim de compreender quais fatores podem influenciar para a sua continuidade e como os indivíduos estão encarando este momento.

Na literatura, poucos estudos abordam especificamente a transição da categoria Júnior para a Sênior e, em sua maioria, elucidam as características desta fase de transição, identificando suas demandas específicas (STAMBULOVA, 2003; MARQUES e SAMULSKI, 2009). Pouco se encontrou sobre programas de intervenção com esta população. STAMBULOVA *et al.* (2012) ressaltam a importância do trabalho de intervenção psicológica e sugerem um programa de intervenção que aponte o planejamento de carreira como uma ferramenta auxiliadora neste processo de transição.

Diante deste panorama, fica clara a importância do presente estudo, que visa abordar e se aprofundar nesta etapa da carreira dos atletas brasileiros e que se propõe a explorar seus aspectos subjetivos e relacionais, ou seja, investigar como o jovem percebe e significa este período em sua carreira. Além disso, é de suma importância compreender os sentidos que os atletas que estão nesta fase de transição atribuem ao trabalho de um psicólogo do esporte.

O presente trabalho, com o auxílio do método Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), nos oferece dados a respeito de como os jovens encaram o fenômeno da transição no contexto da natação de alto rendimento, e poderá ajudar as instituições a conhecerem as demandas específicas dos nadadores, assim como ajudar a identificar fatores para o desenvolvimento de projetos de intervenção na psicologia esportiva com esta população.

## **1.4 Delimitação do Estudo**

O presente estudo limitou-se a obter opiniões de jovens nadadores que participam de competições promovidas pela Federação Aquática Paulista e/ou pela Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos de instituições da cidade de São Paulo e que estão na fase de transição da categoria Júnior para Sênior no alto rendimento ou próximos a ela, ou seja, atletas que se encontram na categoria Júnior 1 e Júnior 2. Os discursos foram analisados mediante o uso do método de pesquisa denominado Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), no que se refere aos sentidos atribuídos pelos atletas sobre esta fase de transição e sobre o trabalho com um psicólogo esportivo durante este período de suas carreiras. Não foram consideradas diferenças de estrutura orgânica e funcional das equipes esportivas, das quais os jovens fazem parte como atleta-competidores.

## **1.5 Revisão de Literatura**

### **1.5.1 A natação competitiva**

Num primeiro momento, se faz necessária a contextualização da modalidade esportiva que este estudo aborda e de suas características mais relevantes. A natação é uma modalidade individual que demanda uma série de recursos ambientais para que o atleta de alto rendimento consiga realizar seu trabalho da melhor forma possível. Deve-se considerar o fato de que qualquer aspecto que influenciar o nadador, como pessoa, terá reflexo em seu desempenho esportivo.

No livro "Treinamento da Natação Competitiva", BAÑUELOS (2001 *apud* FARTO, 2010) cita duas definições. A primeira é denominada "ambiente vital do sportista" e trata do contexto adequado para o desenvolvimento dos atletas. O autor ressalta algumas condições específicas que são necessárias para a garantia deste ambiente vital, como por exemplo: condições de vida, como alojamento e boa alimentação, estabilidade emocional, reconhecimento social e perspectiva de futuro. No que se

refere à especificidade do ambiente de treinamento dos atletas e sua qualidade, o mesmo autor traz a definição "ambiente de treinamento do esportista" e, para garantir tal contexto, ressalta a importância das seguintes condições: a priorização dos treinamentos - deixando as demais atividades condicionadas a isto, inclusive a vida acadêmica dos nadadores - o apoio técnico de alto nível, o apoio biomédico e científico, o apoio tecnológico, a infraestrutura e os equipamentos adequados. Estes pontos são muito importantes, considerando o estilo de vida dos atletas que já se encontram na rotina da natação competitiva e estão familiarizados com esta realidade. Porém, este processo de familiarização com a modalidade esportiva comumente se inicia na infância ou início da adolescência.

O esporte infantil é considerado de suma importância para o desenvolvimento geral do indivíduo. Ao longo do tempo, algumas pessoas são direcionadas para a modalidade competitiva e outras mantêm a prática esportiva visando qualidade de vida, bem-estar, lazer ou qualquer outra finalidade.

No caso da natação competitiva, existem fases de seleção e, em cada fase, os nadadores sofrem "cortes" caso não sejam capazes de resolver de forma eficaz o que se propõe na etapa anterior da preparação. Esta seleção desportiva pode ser dividida em cinco fases: *inicial*, que visa determinar a prática das tarefas da natação; *eliminatória*, que pretende avaliar as capacidades do indivíduo para o desenvolvimento desportivo eficaz; *intermediária*, que visa avaliar a capacidade do atleta para atingir a mestria de alto nível; *principal*, que pretende avaliar o nadador para obtenção de resultados de nível internacional; e *final*, que pretende avaliar se é vantajoso dar continuidade ao treinamento do nadador e verificar se este consegue manter o alto grau de mestria adquirida (PLATONOV, 2005).

Independente à questão do "corte", a Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA) divide a natação competitiva brasileira em 11 categorias que têm como referência a faixa etária dos participantes (CBDA, 2017). São elas: Mirim 1 (9 anos), Mirim 2 (10 anos), Petiz 1 (11 anos), Petiz 2 (12 anos), Infantil 1 (13 anos), Infantil 2 (14 anos), Juvenil 1 (15 anos), Juvenil 2 (16 anos), Júnior 1 (17 anos), Júnior 2 (18 e 19 anos) e Sênior (20 anos ou mais). Considerando este contexto envolvendo a modalidade, muitos estudos abordam a questão da especialização precoce na natação, pois, de modo geral, os atletas iniciam a sua participação em competições antes da puberdade, com um grande número de horas de treino, cuja

metodologia está voltada ao aprimoramento do rendimento (DARIDO e FARINHA, 1995; ARENA e BÖHME, 2000; OLIVEIRA *et al.*, 2007; KNIJNIK *et al.*, 2008; FECHIO *et al.*, 2012).

É necessário diferenciar os termos “iniciação esportiva” e “especialização esportiva precoce”. Entende-se por “iniciação esportiva” o processo que leva um indivíduo desde sua chegada a uma escola para os primeiros contatos com o esporte, até a prática esportiva competitiva (VARGAS NETO, 2000). Para ARENA e BÖHME (2000), trata-se do período em que a criança começa a aprender de maneira específica e planejada a prática esportiva, em que ela inicia a prática regular e orientada de uma ou mais modalidades, e o objetivo imediato é dar continuidade ao seu desenvolvimento de modo integral, não implicando competições regulares.

No entanto, no que diz respeito à definição de “especialização esportiva precoce”, DARIDO e FARINHA (1995) conceituam-na como: crianças com idade abaixo dos 12 anos que realizam treinos periódicos superiores a três sessões semanais, em que cada sessão tenha a carga horária mínima de duas horas e uma metodologia voltada para a melhora do rendimento.

Personne, citado por VARGAS NETO (2000), utiliza o termo “iniciação esportiva precoce”, como sendo a atividade esportiva desenvolvida antes da puberdade associada a uma alta dedicação aos treinamentos, com mais de dez horas semanais, e uma finalidade eminentemente competitiva. Segundo FARTO (2010, p. 163), “a especialização precoce de jovens nadadores (de 8 a 10 anos) é condição indispensável para o estabelecimento racional da preparação em longo prazo” e está associada a uma potencialização para que os jovens consigam resultados esportivos rapidamente em níveis elevados de rendimento, ou seja, de forma prematura.

A especialização precoce pode ser prejudicial ao atleta se a considerarmos como um dos fatores contribuintes para o abandono da modalidade, algo comumente visto na natação. O fator determinante para se categorizar um programa esportivo direcionado para a especialização precoce é o objetivo ou meta do treinamento, caso seja valorizado e priorizado o resultado em detrimento do desenvolvimento através do lúdico. Fazendo a distinção dos termos anteriormente citados, conclui-se que o fato de um indivíduo iniciar cedo a prática esportiva não significa, necessariamente, estar inserido em uma especialização esportiva precoce.

As crianças devem se familiarizar com as modalidades esportivas e a competição tem seu papel na formação educacional e desenvolvimento emocional dos indivíduos. O que deve se considerar como prioridade é o cuidado com a duração e o caráter das cargas competitivas que devem ser adaptadas às capacidades individuais e à faixa etária das crianças (FARTO, 2010).

Ainda nesta reflexão sobre a contribuição do esporte no processo de desenvolvimento de atletas, MARKUNAS (2007) discute a formação e o processo de profissionalização no alto rendimento associado à formação da identidade do próprio indivíduo, justamente pelo fato da carreira esportiva ter seu início na infância/adolescência. De modo geral, o treinamento moderno valoriza o treinamento em longo prazo (TLP) para a formação do nadador até a sua chegada ao alto rendimento, pois este processo de preparação visa adaptar as exigências e cargas de treinamento às leis biológicas de crescimento e maturação do indivíduo.

O TLP visa formar e treinar o nadador desde as categorias de base até que esteja biologicamente maduro para receber o treinamento especial para alcançar resultados de alto nível dentro das competições de natação. É importante que ele receba orientação correta com planejamento e controle das cargas do treinamento adequadas desde as idades da fase de pré-puberdade. O planejamento do TLP tem como princípio respeitar os limites individuais, tanto biológicos quanto psicológicos, em busca do desenvolvimento das potencialidades máximas do nadador em idades mais maduras, a exemplo da categoria juvenil e júnior [...] (PARRA, 2006, p. 11).

BÖHME (2002) apresenta e analisa diversos modelos de formação esportiva em longo prazo, os quais, de modo geral, são semelhantes, porém com terminologias diferentes. A autora os organiza em três níveis principais: de iniciação, infanto-juvenil e de alto nível. Segundo KNIJNIK *et al.* (2008), a valorização de resultados só deve ocorrer na última das três etapas do período de formação do Treinamento Esportivo de Longo Prazo (TLP). Os autores ainda ressaltam que a utilização de estratégias tendo em vista a obtenção de resultados a curto prazo nas fases iniciais do TLP, prejudicaria a obtenção de resultados significativos durante a fase de alto rendimento.

Algumas das principais razões para se colocar em prática o planejamento do treinamento em longo prazo são expostas por AÑÓ (1997 *apud* FARTO, 2010). Dentre elas, temos o fato de desconsiderar objetivos de curto prazo, que tem por consequência a concentração do nadador em sua aprendizagem esportiva. Levando a um melhor rendimento em competições no futuro, o treinamento em longo prazo também permite a comparação dos dados do atleta ao longo do tempo, podendo esta análise ser dividida em etapas ou categorias. O autor ressalta o cuidado que se deve ter com o processo de preparação dos adolescentes, já que na puberdade há uma desproporção no desenvolvimento dos órgãos e no aparelho endócrino, trazendo consequências à performance do indivíduo.

Justamente por considerar tais aspectos sobre o processo de desenvolvimento da carreira de um atleta, faz-se necessário este olhar cuidadoso dos profissionais que estão envolvidos com a categoria Júnior na natação. Pensando especialmente no Treinamento de Longo Prazo, será nesta fase que o atleta passará a encarar o esporte de um modo diferente dos momentos anteriores e sofrerá cobranças externas para a conquista de resultados. Por isso, é oportuno buscar compreender e se aprofundar nas fases de transição da carreira de um atleta.

### **1.5.2 Fases de transição na carreira esportiva**

Inúmeros autores discutem o conceito de “transição esportiva”. De modo geral, este processo ocorre pela combinação de um ou mais eventos e possui um caráter desenvolvimental. Durante toda a carreira de um atleta, mas principalmente durante as fases de transição, os fatores mentais estão envolvidos na forma como o atleta avalia e se confronta com a situação, bem como na forma como irá lidar com as consequências que determinada fase de transição trará para o seu bem-estar (GOMES e DOMINGUES, 2016).

Segundo ALFERMANN e STAMBULOVA (2007), os modelos de transição de carreira descrevem o que acontece com os atletas durante o processo de transição e explicam porque alguns são bem-sucedidos nesta passagem, mesmo enfrentando situações não normativas, e outros não. As autoras ainda citam três tipos de

modelos que estão relacionados à temática da transição de carreira. São eles: “modelos descritivos dos estágios de carreira”, “modelos explicativos de transição de carreira” e “modelos e programas de intervenção de transição de carreira”.

Os modelos descritivos dos estágios de carreira descrevem as fases da carreira de um atleta baseados em padrões normativos do desenvolvimento. Nesta categoria estão inseridos os estudos de BLOOM (1985), CÔTÉ (1999), SALMELA (1994) e WYLLEMAN e LAVALLEE (2004). Os dois primeiros não enfatizam as transições de carreira, SALMELA (1994) enfatiza três fases de transição de carreira normativas. São elas: “da iniciação para o desenvolvimento”, “do desenvolvimento para o aperfeiçoamento” e “do aperfeiçoamento para a aposentadoria”. WYLLEMAN e LAVALLEE (2004) integram em seu modelo a carreira do indivíduo tanto dentro do esporte quanto fora dele, ou seja, combinam os estágios do desenvolvimento esportivo com aspectos psicológicos, psicossociais e acadêmicos.

Os modelos explicativos de transição de carreira consideram-na como um processo, não como um evento isolado. As demandas da transição criam conflitos de desenvolvimento, o que estimula o atleta a mobilizar recursos e a encontrar formas para lidar com isso. O sucesso no enfrentamento vai depender do equilíbrio dinâmico entre os recursos de transição e os desafios externos. Estes modelos consideram tanto o processo de enfrentamento quanto os fatores que influenciam no mesmo, assim como seus resultados e as consequências da transição, ou seja, incluem todas as abordagens que os atletas usam para se ajustar aos desafios de determinada fase de transição (ALFERMANN e STAMBULOVA, 2007).

As mesmas autoras explicam o processo de transição de carreira através da interação de quatro fatores: a situação que o atleta está vivenciando, as peculiaridades do indivíduo, o suporte social e suas estratégias para lidar com este processo. Este tipo de modelo sugere uma visão sistêmica do processo de transição de carreira, onde o foco principal está nas habilidades de enfrentamento do atleta, podendo resultar em uma transição de sucesso ou não.

ALFERMANN e STAMBULOVA (2007) ressaltam ainda a importância da assistência psicológica para atletas em transição de carreira, com o objetivo de prevenir crises durante o processo. Os modelos e programas de intervenção podem auxiliar, tanto na prevenção de crises, como também no desenvolvimento de

estratégias de enfrentamento diante de uma crise ou para o atleta desenvolver habilidades para lidar com as consequências negativas de uma transição.

Além dos modelos citados por ALFERMANN e STAMBULOVA (2007), GOMES e DOMINGUES (2016) propõem um modelo que se baseia em uma abordagem interativa para iluminar o processo de transição de carreira. Este modelo julga que o resultado da adaptação à transição depende da relação que o atleta estabelece entre as exigências da situação e seus processos de avaliação cognitiva, ou seja, dependendo de como o atleta percebe a situação e seus recursos internos para lidar com ela, a realidade pode ser vista como ameaçadora, geradora de mal-estar ou como desafiadora e beneficiária, e essa percepção influenciará na possibilidade de haver uma adaptação positiva ou negativa como resultado da transição.

Os autores ainda propõem que, para desenvolver estratégias e programas de intervenção com atletas, é necessário compreender as complexidades deste fenômeno tanto do ponto de vista intraindividual como interindividual.

De modo geral, quando o indivíduo está diante de qualquer fase transitória, de um nível a o outro, tanto em sua vida pessoal quanto em sua carreira esportiva, é necessário que ele lance mão de recursos internos e desenvolva habilidades para enfrentar as novas demandas que o ambiente lhe impõe. O presente estudo tem o enfoque na transição da categoria Júnior para a Sênior na natação.

### **1.5.3 Transição da categoria Júnior para a Sênior**

É crescente o interesse em pesquisas que abordam especificamente a fase de transição da categoria Júnior para Sênior, por sua particular importância para os jovens atletas que desejam alcançar um nível de elite ou profissional no esporte.

STAMBULOVA *et al.* (2012) apontam a importância de se compreender os fatores que envolvem esta fase de transição para auxiliar os atletas a desenvolver estratégias de *coping* e propõem um instrumento de pesquisa que foi projetado para estudar especificamente a transição dos atletas suecos de esportes Júnior para a categoria Sênior. Trata-se de uma pesquisa dividida em três etapas que é aplicada duas vezes, com um intervalo de três semanas entre as aplicações. Segundo os

autores, a repetição na aplicação tem a função de monitorar o processo de transição e identificar quais variáveis são mais estáveis e quais são mais dinâmicas, as quais podem mudar durante este curto espaço de tempo. Sobre as etapas, na primeira parte investigam informações básicas sobre o atleta: idade, nível de competições etc. Na segunda parte investigam sobre as esferas da vida do atleta, como vida acadêmica, esportiva, família e amigos. A terceira parte enfoca as demandas da fase de transição e investiga as estratégias de *coping*, suporte social, recusos emocionais, pressão social e nível de estresse. Os autores ressaltam a necessidade de alguns ajustes para obter mais informações em aplicações futuras, mas ressaltam a eficiência do instrumento, inclusive com a possibilidade de ser replicado em outros países sem prejuízos por diferenças culturais.

Neste mesmo artigo os autores revelam que os estudos mais visíveis sobre a transição de categoria Júnior para Sênior foram realizados na Rússia, Reino Unido e Canadá e discorrem sobre um estudo longitudinal de VANDEN AUWEELE *et al.* (2004), que demonstra que apenas 17% dos atletas de elite da categoria Júnior fizeram uma transição bem sucedida para a elite Sênior, durante cinco anos de observação.

A transição dos esportes Júnior para Sênior é percebida pelos jovens como um grande passo, associado a padrões muito mais elevados em sua prática e desempenho, pois nesta fase a exigência é muito maior do que já experimentaram anteriormente. Áreas diferentes do ambiente esportivo também são muito importantes nesta faixa etária, como em relação aos estudos e aspectos sociais. Possivelmente, haverá um alto nível de estresse e maior sensibilidade às influências sociais, pois será necessário que o indivíduo considere as expectativas de outros, além das suas próprias. Portanto, o apoio social, especialmente dos treinadores, desempenha um papel fundamental no processo de transição. (STAMBULOVA *et al.*, 2012).

BLOOM (1985) afirma que, neste estágio de desenvolvimento, os treinadores devem se envolver mais. Enfatiza, ainda, a proficiência técnica dos jovens atletas e espera o progresso através da disciplina e do trabalho árduo.

Na fase de transição do Júnior para o Sênior os atletas se tornam mais responsáveis por seus treinamentos e competições, enquanto os treinadores colocam maiores exigências sobre esses atletas.

BARROS (2008) aborda as fases de transição na carreira esportiva e ressalta os aspectos referentes à profissionalização. Esta etapa de transição entre as categorias Júnior e Sênior é considerada o auge da carreira, onde o estilo de vida do atleta fica ainda mais subordinado ao esporte. Neste momento, torna-se necessário que o atleta consiga conciliar seus objetivos esportivos a outras áreas da vida, criar estratégias para melhorar seu rendimento, conquistar reconhecimento no meio esportivo e enfrentar as crises nos relacionamentos interpessoais.

WYLLEMAN e LAVALLEE (2004) abordam os fatores sociais e acadêmicos que envolvem esta fase transição, ressaltam a importância da relação que o atleta estabelece com treinadores e familiares e como administrar a carreira esportiva simultaneamente à carreira acadêmica.

Muitos atletas que estão neste período de transição abandonam o esporte para se dedicar aos estudos, enquanto outros deixam a vida acadêmica para se dedicar integralmente ao esporte. STAMBULOVA (2010) faz uma proposta de intervenção com atletas que estão nesta fase, que visa o planejamento de carreira em cinco passos. Através deste programa, o atleta pode desenvolver estratégias de enfrentamento e pensar em como irá desenvolver sua carreira esportiva, sem prejudicar outras esferas de sua vida. As etapas desta proposta são:

- 1ª etapa: desenhar uma linha do tempo.
- 2ª etapa: estruturar o passado, resgatar momentos importantes, vitórias, derrotas e desafios superados.
- 3ª etapa: estruturar o presente, identificar as esferas mais importantes e como o atleta está se relacionando com cada uma delas.
- 4ª etapa: estruturar o futuro, o que o atleta deseja conquistar a curto, médio e longo prazo.
- 5ª etapa: estruturar uma ponte entre passado, presente e futuro, resgatando como os obstáculos do passado foram superados; estabelecer metas e um plano de ação para atingi-las na prática.

Este projeto de intervenção mostrou que, ao final, os atletas desenvolvem maior controle sobre as situações que estão vivenciando no presente, assim como para as próximas fases de transição.

Pesquisas que se propõem a compreender este contexto são necessárias devido a todas as transformações e especificidades envolvendo esta fase de transição na carreira de um atleta. O presente estudo conta com o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) para a investigação deste campo.

#### **1.5.4 O Discurso do Sujeito Coletivo e as representações sociais**

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é um método validado que está associado ao software *DSCsoft*, uma evolução do primeiro software produzido, o *Qualiquantisoft*. Este método vem sendo utilizado e desenvolvido na Universidade de São Paulo desde a década de 1990 para pesquisas de representação social ou pesquisas de opinião em diferentes áreas. Para citar exemplos, na psicologia, SIMÕES (2017) utilizou o DSC para investigar sobre o *burnout* de religiosas e, na saúde pública, SIMIONI (1996) pesquisou sobre a área de recursos humanos na saúde coletiva.

Segundo LEFEVRE e LEFEVRE (2012), as pesquisas de opinião devem ser quali quantitativas, pois apresentam as duas dimensões ao mesmo tempo. As opiniões podem ser descritas ou qualificadas e, posteriormente, é possível quantificá-las. Por isso é importante considerar que, se a pesquisa for realizada através de entrevista, que esta seja elaborada com questões abertas, para permitir que o entrevistado emita todos os argumentos associados às opiniões expressadas na forma de um depoimento discursivo.

O DSC é um método fundamentado na teoria das representações sociais de MOSCOVICI (2005), elaborado mediante trechos de discursos de sentidos semelhantes reunidos em um só discurso, que expressam o pensamento de uma coletividade. Segundo LEFEVRE e LEFEVRE (2012), a essência do pensamento coletivo não pode ser uma soma dos discursos individuais, mas o resgate do imaginário social, do pensamento pré-existente sobre o tema e das representações sociais. De modo geral, este método visa a identificação e descrição de representações sociais presentes em uma dada formação sociocultural em relação a determinado tema e procura recuperar o semelhante e o diverso que é encontrado nas próprias representações sociais.

Temos, na sociedade, um sistema de crenças ou representações sociais compartilhadas que permitem a troca de sentidos ou a comunicação entre seus membros (LEFEVRE e LEFEVRE, 2012). Mesmo que os indivíduos não compartilhem das mesmas ideias, é necessário que haja um nível de compartilhamento que permita a troca. Desta forma, a comunicação se apresenta como base das formações sociais, composta por dois tipos de códigos compartilhados: um código linguístico e um código ideológico. Há uma interconexão entre a comunicação e as representações, já que as representações podem ser o produto da comunicação. Entretanto, não seria possível haver comunicação sem as representações sociais. A transformação constante e as novas formas de comunicação que surgem com o passar do tempo fazem emergir novas representações e estas dão estabilidade ao processo de mudança na estrutura anterior, como se houvesse uma busca constante pelo equilíbrio nos processos de influência social.

MOSCOVICI (2005) propõe que as representações sociais tratam de um sistema de valores, ideias e práticas com duas funções principais. A primeira é de estabelecer uma ordem para que as pessoas consigam se orientar no mundo social e a segunda é de fornecer códigos para nomear e classificar aspectos do mundo, que possibilitem a troca entre os membros de uma mesma comunidade.

As interações humanas pressupõem representações e isso, de certa forma, as caracteriza. É possível, inclusive, considerar que as representações são capazes de influenciar o comportamento dos indivíduos que compõem uma coletividade, já que é através da troca com outros que o processo coletivo acaba por penetrar o nosso pensamento individual.

Uma vez criadas e inseridas no contexto social, as representações sociais adquirem uma vida própria e circulam dando a oportunidade de surgirem novas representações. De modo simplório a representação associa qualquer imagem a uma ideia e qualquer ideia a uma imagem.

É importante ressaltar, ainda, três considerações que MOSCOVICI (2005) faz em relação às representações sociais: a primeira é que elas devem ser vistas como uma “atmosfera” em relação ao indivíduo ou ao grupo; a segunda é que, sob alguns aspectos, as representações são específicas da nossa sociedade; e em terceiro está que a finalidade das representações é tornar familiar algo que não nos é familiar. Sobre este último aspecto citado, é necessário refletir sobre quais mecanismos

deve-se lançar mão para conseguir transformar ou familiarizar ideias, palavras ou conceitos previamente não familiares. Para tal transformação é necessário recorrermos a processos cognitivos, como a memória.

Recorrer ao mecanismo da memória significaria tentar ancorar ou categorizar as ideias novas às imagens comuns e associar as duas em um contexto familiar. O autor utiliza o termo “ancoragem” como um conceito que remete ao processo de transformar algo estranho em nosso sistema particular de categorias e o comparar com um paradigma de uma categoria que acreditamos ser adequado. Neste momento, o objeto ou ideia estranha é reajustado para se encaixar a esta categoria, ou seja, trata-se do processo de classificar ou nomear algo.

O processo de ancoragem, neste caso, pode ser conseguido através de duas vias: pela particularização ou pela generalização. Ao particularizar, nós analisamos o objeto como algo divergente da categoria que utilizamos como referência familiar e, ao generalizar, aproximamos o objeto através das características que encontramos na categoria familiar. Em todo caso, quando generalizamos ou particularizamos as ideias que não nos são familiares, o que está presente é a nossa necessidade de dar sentido, de definir conforme a norma ou como divergente à mesma (MOSCOVICI, 2005).

Este processo de classificação e nomeação tem o objetivo de facilitar a compreensão e a interpretação do mundo e das pessoas com as quais nos relacionamos, mas principalmente contribui para a formação de opiniões. Dado o processo de ancoragem, o autor traz outro termo, a objetivação, que está associada à estabilização de conceitos, ou seja, conceitos que causaram estranhamento um dia, são considerados óbvios e familiares para a geração atual. Sendo assim, a objetivação associa a ideia de não familiaridade com a de realidade e, desta forma, temos que, em algum nível, a representação se torna real. Quando uma sociedade aceita determinado paradigma ou núcleo figurativo, é natural que se utilize com mais frequência as palavras ou ideias que se referem ao paradigma, e este passa a ser presente em situações sociais do cotidiano, tornando-se comum para aquela coletividade e aceito como realidade.

Segundo LANE (1993), a representação social permite o desenvolvimento de pesquisas com populações e estudos individuais. Além disso, as representações

podem ser consideradas dados empíricos que podem ser analisados, tornando-se parte de um movimento histórico.

A perspectiva adotada pelo método do Discurso do Sujeito Coletivo e a teoria das representações sociais podem ser pensadas em conexão à produção de conhecimento científico dado a partir da abordagem da teoria geral dos sistemas de BERTALANFFY (1977). Esta teoria considera uma orientação holística na psicologia e na visão de homem, ou seja, o conceito de sistema procura iluminar a totalidade do fenômeno. Para além dos fatores fisiológicos que envolvem o desenvolvimento humano, a teoria geral dos sistemas propõe um olhar para o universo da cultura produzido pela sociedade, juntamente com os símbolos que estão inseridos na arte, religião, moral e leis. Para este autor, os símbolos só não estão inseridos nos aspectos básicos do humano, como as necessidades biológicas da fome e do sexo. Ele ainda ressalta: “O homem não é um recebedor passivo de estímulos provenientes do mundo exterior mas em sentido muito concreto *cria* seu universo.” (BERTALANFFY, 1977, p. 257). E completa: “Basta dizer que provavelmente todas as noções usadas para caracterizar o comportamento humano são consequências ou aspectos diversos da atividade simbólica” (*Ibid.*, p. 288).

Segundo MARKOVÁ (2006), as funções simbólicas humanas não podem ser compreendidas com base em poucos elementos, pois os símbolos também são construídos através do social e, para se ter algo significativo em termos de construção social, é necessário que exista o indivíduo, a sociedade e um objeto. Esta tríade dialógica é de suma importância para a compreensão do fenômeno das representações sociais.

A tríade Alter-Ego-Objeto compõe uma unidade de conhecimento, a qual só faz sentido se pensada desta forma, considerando os três pontos como interdependentes, e está pautada na mudança. Esta unidade de conhecimento é diferente da posição epistemológica anterior, conhecedor-objeto, que tinha como padrão a estabilidade.

MARKOVÁ (2006) postulou que o que coloca movimento e presentifica a mudança nesta tríade dialógica é a tensão, que é parte integrante do processo de comunicação e das representações sociais. Não é possível haver comunicação e troca a menos que os participantes se unam pela tensão dialógica e, apesar da

interdependência entre o Alter e o Ego, eles não se fundem. Como a tensão dialógica se manifesta em ambos, os participantes mantêm sua individualidade.

A autora ainda discute o processo de comunicação entre o Eu e o Outro. O que ocorre na comunicação é uma luta constante entre as ideias do outro e as minhas ideias, onde o estranhamento causado por estas ideias cria a tensão entre nós. Diante disso, eu posso me apropriar do discurso e das ideias do outro ou tentar impor o meu significado ao outro. Este processo se aproxima da visão de MOSCOVICI (2005) em relação ao processo de construção das representações sociais, quando ele ilustra os conceitos de ancoragem e objetivação, nos quais o indivíduo transforma o que não lhe é familiar em algo familiar. Neste caso, o estranhamento gerado na comunicação de ideias seria como a situação em que o indivíduo se depara com o não familiar e tenta dar um sentido a esta estranheza.

É importante também considerar que, em diferentes situações dialógicas, haverá diferentes Alter Ego, que podem ser compostos por Eu-outra pessoa, Eu-determinado grupo, Eu-sociedade, grupo-comunidade etc. Além disso, existe a possibilidade de muitas relações dialógicas do Alter Ego acontecerem simultaneamente e se confrontarem. Os participantes carregam consigo suas experiências, referências e até suas expectativas de futuro e podem se relacionar com seus Alter se concentrando neles ou em si mesmos, de forma contínua ou descontínua. Por isso, trata-se de uma tríade dialógica, pois a dialogicidade se importa com a existência comunicativa das relações humanas e o fenômeno social só pode ser dialógico quando envolve variações múltiplas das relações Alter Ego.

Os objetos que compõem a tríade dialógica podem significar coisas diferentes, especialmente considerando a ótica de diferentes teorias do conhecimento. MARKOVÁ (2006) afirma que, para os filósofos do século XVII, os objetos em pesquisa tinham qualidades imutáveis e hoje são concebidos como transitórios e fluidos, principalmente ao considerar objetos de poder simbólico. Vasconcellos (2012) ilumina o pensamento sistêmico com suas três dimensões: complexidade, instabilidade e intersubjetividade, e a relação recursiva entre elas. Esta abordagem, citada anteriormente, abarca a concepção dos objetos como transitórios e fluidos. O conceito de instabilidade trazido pelo pensamento sistêmico, que MARKOVÁ (2006) também aborda, faz com que o pesquisador considere a

indeterminação, a imprevisibilidade e a falta de controle sobre o fenômeno, especialmente quando o estudo enfoca aspectos culturais e simbólicos.

VASCONCELLOS (2012) aponta que, ao observar um fenômeno a partir de uma abordagem sistêmica, a contextualização do todo é importante, pois o aspecto central que identifica o sistema como entidade são as relações entre os seus componentes. É a interação que torna os componentes interdependentes:

Cada parte estará de tal forma relacionada com as demais, que uma mudança numa delas acarretará mudanças nas outras. Desse modo, para compreender o comportamento das partes, torna-se indispensável levar em consideração as relações. (VASCONCELLOS, 2012, p.199)

Assim como os outros estudos da psicologia esportiva citados anteriormente consideram os aspectos psicossociais, a abordagem sistêmica neste estudo, através desta perspectiva holística, demarca a necessidade de conhecer o ambiente do atleta e a relação que ele estabelece com o mundo que o cerca.

Os modelos de transição de carreira foram desenvolvidos considerando os aspectos comuns evidenciados nos grupos de atletas pesquisados. Apesar das peculiaridades de cada indivíduo, existem muitos pontos semelhantes que devem ser explorados para futuras propostas interventivas de suporte aos atletas nos diversos momentos do desenvolvimento de sua carreira. O Discurso do Sujeito Coletivo é uma ferramenta que oferece tais recursos ao pesquisador.

#### **1.5.5 O Discurso do Sujeito Coletivo no contexto esportivo brasileiro**

Muitos pesquisadores já utilizaram o método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) no contexto esportivo. MEIRA *et al.* (2015) utilizaram-no para analisar a estrutura de organização para o desenvolvimento da natação de alto rendimento no Estado de São Paulo. As autoras realizaram uma entrevista semiestruturada com 11 técnicos de natação de alto rendimento do Estado de São Paulo e dois funcionários da Federação Aquática Paulista. Verificou-se que, tanto os clubes quanto as

entidades municipais de práticas desportivas, são responsáveis pela formação esportiva e pelo treinamento a longo prazo para a natação de alto rendimento. A administração das ações e políticas esportivas para o desenvolvimento da natação no Estado de São Paulo não acontece de modo centralizado e não segue orientação de entidades nacionais como o Comitê Olímpico do Brasil (COB), o Ministério do Esporte, ou alguma entidade de administração da natação, como a Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA) ou a Federação Aquática Paulista (FAP).

No voleibol, OLIVEIRA (2004) investigou, mediante o DSC, quais as representações sociais que envolviam as características físicas, técnicas, táticas e psicológicas de um levantador sob a ótica de atletas e técnicos.

PACHARONI e MASSA (2012) investigaram o processo de formação de tenistas talentosos com uma amostra de cinco tenistas brasileiros profissionais, que tivessem pontos na ATP (Associação dos Tenistas Profissionais). Eles utilizaram o método para analisar os dados obtidos com as entrevistas realizadas e, de acordo com seus resultados, pôde-se observar a importância que os professores tiveram no desenvolvimento destes tenistas, tanto na iniciação como no treinamento. Em relação ao planejamento dos treinos, a pesquisa demonstrou a falta de profissionalismo nas fases iniciais do processo de formação, e a posterior preocupação apenas quando o atleta demonstrava possuir algum potencial para seguir carreira profissional.

Ainda no âmbito do tênis, COZAC (2016) utilizou o DSC para investigar os fatores de ativação mental e emocional no comportamento e desempenho de jovens tenistas, tanto em situações de treinos quanto nas competições.

PACHARONI e MASSA (2015) investigaram os fatores determinantes para a formação de tenistas também utilizando o método do DSC e concluíram que o apoio dos pais é essencial para a formação do tenista profissional, assim como o apoio positivo e a compreensão vindos de outras fontes, tais como, irmãos, familiares em geral e amigos, associados ao gosto pelo competir e o divertimento proporcionado pela vivência esportiva.

MASSA *et al.* (2014) utilizaram o método do DSC ao analisarem a idade de iniciação esportiva, o processo de iniciação na modalidade judô e o tempo de prática de judocas olímpicos brasileiros, através de uma entrevista aberta realizada com

seis judocas pertencentes à seleção brasileira nos Jogos Olímpicos de Atenas, 2004. Eles concluíram que o início precoce do treinamento é um dos fatores mais relevantes para a aquisição de um alto nível de desempenho posterior e que não só o apoio familiar, associado a um microssistema de desenvolvimento de atletas, forma um ambiente capaz de gerar judocas de nível internacional.

Outras duas pesquisas apontaram a influência do apoio familiar, dentre outros fatores ambientais, no desenvolvimento do talento em atletas do judô e do handebol (MASSA *et al.*, 2010; MENDONÇA *et al.*, 2007). Ambas utilizaram o DSC para analisar os dados obtidos através das entrevistas realizadas. Em relação aos atletas do judô, os discursos indicaram a importância dos fatores psicossociais para o desenvolvimento do talento, dentre eles o apoio familiar, o prazer pela prática e a determinação dos atletas. No estudo que investigou os atletas do handebol, pôde-se observar que, tanto no início quanto na manutenção do interesse pelo handebol, os atletas receberam incentivo dos pais e amigos e o prazer pelo esporte também foi contribuinte. Quanto ao apoio financeiro, verificou-se que a participação familiar foi expressiva, principalmente no início da formação esportiva.

Algumas das pesquisas citadas que envolvem o método do DSC abordam a formação do atleta (PACHARONI e MASSA, 2012; *Id.*, 2015) e ressaltam a fase de desenvolvimento que os indivíduos estão vivenciando (MASSA *et al.*, 2014) ou os fatores ambientais que influenciam o desempenho esportivo dos mesmos (MENDONÇA *et al.*, 2007; MASSA *et al.*, 2010), revelando a preocupação que muitos pesquisadores têm em relação ao percurso esportivo de atletas de diversas modalidades. Diante deste cenário e considerando a influência dos fatores psicossociais no desenvolvimento de um atleta, nota-se a importância de pesquisas na área do esporte que não só avaliem aspectos fisiológicos e biomecânicos, mas também procurem conhecer o ambiente em que estes atletas estão inseridos, assim como seus anseios e expectativas.

O DSC é um método que pode auxiliar muitos pesquisadores da área do esporte na investigação de aspectos psicossociais e suas influências, dentre outros pontos. Não somente na natação, como no caso do presente estudo, mas também em diversas modalidades. Este campo de pesquisa é bastante complexo e envolve diversas áreas do conhecimento. Neste contexto, o DSC é mais adequado, pois oferece dados quali-quantitativos e uma análise mais profunda do fenômeno. As

pesquisas citadas também demonstram a flexibilidade do método, pois foi utilizado com diferentes enfoques.

A literatura procura ressaltar a relevância da formação de jovens atletas em torno de vários fatores, como a influência familiar, a vontade de ser atleta de alto rendimento, o prazer proporcionado pela prática esportiva e o aprimoramento de desempenho, numa inter-relação caracterizada no âmbito deste estudo. Desse modo, e por essa razão, o exposto até o momento, em relação à natação, suscita ainda alguns questionamentos:

- Será que os discursos-síntese apresentados por jovens atletas de natação configuram categorias que possam tornar mais claros os dados sobre o contexto da transição de categoria Júnior para Sênior no mundo do esporte de alto rendimento e seus aspectos característicos?
- Será que os discursos-síntese dos jovens atletas de natação sobre os sentidos por eles atribuídos, referentes à fase de transição da categoria Júnior para a Sênior no esporte de alto rendimento, correspondem a um pensamento coletivo ou representação social?
- Será que os discursos-síntese apresentados por jovens atletas de natação configuram categorias que possam tornar mais claros os dados sobre o pensamento coletivo ou representação social, no que diz respeito à opinião sobre o trabalho de um psicólogo esportivo nesta fase de transição?

## **1.6 Hipótese Descritiva**

### **1.6.1 Central**

Os discursos-síntese apresentados por jovens nadadores são embasados em um referencial de figuras metodológicas que configuram categorias como ideias centrais e/ou ancoragens e as suas correspondentes expressões-chaves. Também podem ser vistos como representações sociais existentes no contexto do esporte de alto rendimento, no que se refere aos sentidos atribuídos sobre os aspectos que envolvem a fase de transição da categoria Júnior para Sênior.

### **1.6.2 Complementar**

Os sentidos atribuídos pelos jovens nadadores, sobre o trabalho de intervenção de um psicólogo esportivo durante a fase de transição da categoria Júnior para a Sênior, expressam um pensamento coletivo ou representação social.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

---

O método utilizado neste estudo tem como característica um delineamento do tipo de pesquisa exploratória descritiva e visou descrever, classificar e interpretar fenômenos relativos à fase de transição da categoria Júnior para Sênior sob a perspectiva dos próprios nadadores de alto rendimento. Portanto, o pensamento coletivo foi uma das formas pelas quais a pesquisadora pôde lançar mão para reconstruir o universo das representações sociais da transição de carreira, suas características e aspectos peculiares no campo pesquisado.

O método utilizado, desenvolvido por Fernando Lefevre e Ana Maria Cavalcante Lefevre (LEFEVRE e LEFEVRE, 2005), é denominado de Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). É um método cuja forma de apresentação dos resultados se dá por meio de discursos-síntese escritos na primeira pessoa do singular, que expressam o pensamento de uma coletividade.

### 2.1 Casuística

Os atletas selecionados para este estudo treinam em duas instituições de São Paulo, que mantêm modalidades esportivas em competições do mais alto nível técnico do país.

Todos os nadadores selecionados participam de competições promovidas pela Federação Aquática Paulista (FAP) e/ou pela Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA) e pertencem às categorias Júnior 1 e Júnior 2.

Fizeram parte do estudo vinte nadadores de alto rendimento. Do total de nadadores entrevistados, sete são do sexo feminino e treze do sexo masculino.

## 2.2 Instrumento de pesquisa

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é um instrumento utilizado em pesquisas de opinião e para caracterizar perfis de comportamento social e de saúde. Trata-se de um método elaborado mediante trechos de discursos, de sentidos semelhantes, reunidos em um só discurso, que expressam o pensamento de uma coletividade. De modo geral, este método visa a identificação e descrição de representações sociais presentes em uma dada formação sociocultural em relação a determinado tema e procura recuperar o semelhante e o diverso que é encontrado nas próprias representações sociais.

O DSC possui uma base qualiquantitativa, que tem utilidade em qualquer abordagem da temática que envolva o pensamento, o sentimento, as crenças, as atitudes, os valores e as representações sociais expressadas por intermédio de discursos verbais. Através do DSC, é possível, ao pesquisador, reconstruir o universo de representações existentes no campo pesquisado.

LEFEVRE (2017) sugere aos pesquisadores que estão desenvolvendo estudos com o DSC, que tenham cuidado e atenção ao definir a amostragem e as questões que serão feitas aos participantes. O tamanho da amostra dependerá do grupo social que será pesquisado e do nível pretendido de generalização dos resultados.

Neste tipo de pesquisa, a amostra está relacionada com a escolha criteriosa dos sujeitos, ou seja, devem ser abordados os atores sociais mais relevantes do tecido social pesquisado. A qualidade da amostra é mais importante do que o seu tamanho.

Em relação à escolha das questões para obter os depoimentos, é importante seguir algumas orientações, por exemplo:

- A pergunta deve responder a um objetivo;
- Qualquer pergunta com objetivo de produzir reações emocionais não deve ser feita;
- A pergunta não deve conter resposta induzida;
- Não devem ser formuladas perguntas que levem a respostas monossilábicas, ou que não estimulem a produção do discurso;

- Não fazer perguntas que exijam do entrevistado um conhecimento que não faz parte do seu repertório;

- A pergunta deve ser pré-testada com uma pequena amostra da população a ser pesquisada.

No processo de construção do DSC, foi desenvolvido um software para auxiliar o pesquisador na etapa de categorização dos discursos e na elaboração do discurso-síntese, que deve ser escrito na primeira pessoa do singular e que expressa a opinião de uma determinada coletividade.

Chamado de *Qualiquantisoft*, este software sofreu alterações e aprimoramentos ao longo dos anos e, atualmente, é chamado de *DSCsoft*.

LEVEFRE (2017) ressalta que o DSC não se resume ao software e que é possível realizar uma pesquisa sem esta ferramenta. Entretanto, o *DSCsoft* pode auxiliar no cruzamento de dados, no armazenamento e categorização dos discursos, apresentar gráficos com os dados quantitativos e importar ou exportar pesquisas, facilitando o trabalho em equipe.

Outro ponto importante sobre o *DSCsoft*, é que se trata de um ambiente informatizado, porém não realiza a seleção ou categorização dos discursos. O pesquisador é o responsável por todas as etapas, desde a seleção e categorização, até a análise e interpretação dos discursos.

As interpretações realizadas nesta pesquisa devem ser obtidas a partir dos discursos de 20 atletas, através de um esquema conceitual, referencial e operacional teórico e metodológico (expressões-chave, ideias centrais e ancoragem) direcionado para a construção dos discursos-síntese.

O DSC deve ser confeccionado a partir das expressões-chave, ideias centrais e ancoragem. As expressões-chave representam trechos ou transcrições literais dos discursos que iluminam a essência dos depoimentos, resultando em algo como uma prova discursiva. As ideias centrais são expressões linguísticas que revelam os sentidos dos discursos de cada participante. As ancoragens são manifestações linguísticas explícitas de uma dada teoria, crença ou ideologia, por meio da qual o autor do discurso enquadra determinada situação (LEFEVRE e LEFEVRE, 2012).

## **2.3 Coleta de dados**

Os dados foram coletados pela pesquisadora nos clubes onde os nadadores treinam, mediante o uso do método de pesquisa denominado Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), visando obter informações através de discursos moldados por uma questão aberta.

Para efeito de desenvolvimento e análise dos discursos dos sujeitos pesquisados, elaborou-se duas questões abertas aos atletas, a saber:

1. Como é para você viver a transição do Júnior para o Sênior?
2. Qual a sua opinião sobre o trabalho de um psicólogo do esporte com atletas que estão nesta fase?

## **2.4 Procedimentos do estudo**

O presente estudo foi desenvolvido mediante fases, a saber:

### **2.4.1 Primeira fase**

Esta fase foi delineada pelas ações necessárias para a obtenção do “termo de consentimento livre e esclarecido”. Após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo (Número do Registro: CAAE-80432717.2.0000.5391), a pesquisadora entrou em contato com os técnicos responsáveis pelas equipes de natação dos clubes da cidade de São Paulo, visando obter a autorização para convidar os nadadores das categorias Júnior 1 e Júnior 2, que competem em campeonatos promovidos pela Federação Aquática Paulista e/ou pela Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos, a participarem voluntariamente da pesquisa. Posteriormente, foi realizado o agendamento das entrevistas com os sujeitos que participaram voluntariamente do estudo.

### 2.4.2 Segunda fase

Esta fase foi marcada pelas entrevistas, com o intuito de coletar as informações com a aplicação do instrumento denominado Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Todas as entrevistas foram feitas nos respectivos clubes em que os nadadores treinam, de modo individual, respeitando o sigilo e garantindo total liberdade para o entrevistado falar, bem como para retirar sua participação da pesquisa no exato momento da entrevista ou em qualquer momento posterior.

Os dados foram coletados no período de um mês, com duas semanas de coleta para cada instituição. Com as devidas autorizações, a pesquisadora fez as entrevistas de modo individual no período máximo de 10 minutos, quando então pôde escutar e colher informações sobre a fase de transição da categoria Júnior para a Sênior.

As respostas foram gravadas num aplicativo de gravador de voz do aparelho Samsung Galaxy S7 e, em seguida, transcritas no computador, de modo “*ipsis litteris*”. Posteriormente, mediante o software “DSCsoft”, os dados foram categorizados conforme a semelhança de sentido. Ou seja, foram extraídas, dos discursos individuais, as expressões-chave (E-ch), as ideias centrais (Ic) e as ancoragens (Ac), para a construção do DSC.

Todas as entrevistas foram transcritas, analisadas e tabuladas de acordo com os princípios estabelecidos pelo instrumento de pesquisa.

### 2.4.3 Terceira fase

Essa fase, com duração de vários meses, foi marcada pela transcrição das 20 entrevistas. As transcrições foram realizadas “*ipsis litteris*”, ou seja, literalmente fiel aos depoimentos. Por isso, foram mantidos até os erros de português, para respeitar as normas do procedimento do método e, assim, evitar qualquer alteração no sentido das frases.

As respostas das entrevistas foram analisadas isoladamente de acordo com a questão realizada, ou seja, foram selecionadas as expressões-chave de todas as respostas. Destas, foram destacadas as ideias centrais e, também, as ancoragens.

Todas as respostas foram tabuladas e quantificadas com o auxílio do *DSCsoft*. Em seguida, as ideias centrais e ancoragens de mesmo sentido, de sentido equivalente ou complementar, foram agrupadas e denominadas de acordo com o significado. Elas foram intituladas como A, B, C e assim por diante.

Por fim, as expressões-chave de mesmo sentido, contendo as ideias centrais e as ancoragens respectivas, foram agrupadas para, então, se redigir o “discurso do sujeito coletivo”, visando respeitar o sentido manifestado nas respostas.

As respostas contiveram os discursos do sujeito coletivo.

### 3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

---

De modo geral, os maiores desafios apontados pelos nadadores se referiram ao contexto profissional, como a escolha de uma carreira e a dificuldade em conciliar os treinos com os estudos, especialmente em relação ao início no Ensino Superior.

Outro fator de dificuldade para alguns dos entrevistados foi sair da casa dos pais para morar sozinho, apesar de haver ambiguidade nestes discursos. Ao mesmo tempo em que evidenciavam a dificuldade, também traziam uma satisfação por estarem conseguindo cumprir com seus objetivos.

Poucos nadadores relataram sentir motivação nesta fase de transição. Nestes relatos, a motivação era advinda, em grande parte, por terem a oportunidade de treinar e competir com atletas mais experientes.

Para facilitar a visualização do conteúdo e a tabulação, as categorias foram representadas por letras, conforme a semelhança de sentido nas respostas. Os sujeitos foram representados pela letra S, de S1 até S20.

Seguem, portanto, os resultados apresentados na seguinte sequência de quadros:

#### 3.1 Questão 1 - Como é para você viver a transição do Júnior para o Sênior?

**Quadro 1: Expressões-chave, ideias centrais e ancoragem**

Expressões-chave (ECH)	Ideias centrais (IC)	Ancoragem (ANC)
S1. “É uma fase de adaptação porque você vem de uma categoria de base do juvenil que você treina uma vez por dia, daí você passa a treinar duas vezes por dia, e começa a estudar a noite que é mais puxado. E você aprende mais com os mais velhos porque antes você olhava pra eles como referência, hoje você tem	<p>“É uma fase de adaptação difícil no começo porque tem mais treino”</p> <p>“E você aprende mais com os mais velhos porque você treina com eles”</p>	

<p>treino com eles lado a lado. Mas a pior coisa é pra adaptar na escola você começa a estudar a noite daí você dorme pouco. É bem difícil no começo, mas depois você acostuma.”</p>		
<p>S2. “Essa transição é muito difícil porque muda muito os treinos. E se você não tem cabeça, não tem um suporte todo, acaba afetando muito. Eu tive um problema esse ano, comecei a treinar muito mal, aí começou a afetar minha cabeça e eu fiquei com um mês de diarreia. Aí eu acabei não competindo, fiquei pior, porque cabeça de atleta tem que tá boa pra todos os momentos, pra treino, competição e acabou me afetando muito, mas tem que manter o foco não pode deixar abalar por nada porque agora a gente já tá no patamar mais profissional. Tem que ter a cabeça no lugar porque senão a transição te abala muito porque é mais treino.”</p>	<p>“É muito difícil porque tem mais treino.”</p> <p>“Se você não tem cabeça e suporte acaba afetando muito.”</p>	<p>“Cabeça de atleta tem que tá boa pra todos os momentos.”</p>
<p>S3. “É meio que difícil sabe por que no juvenil você tem muito mais oportunidade de pegar seleções. Quando você passa a ser júnior, tem poucas opções assim, é tudo já mais adulto, mais absoluto, entendeu? Competindo com pessoas maiores que você. Então, essa transição foi bem complicada. Mas agora eu alcancei o objetivo que eu queria, chegar num nível adulto, que agora é um nível mais profissional do júnior, que daqui a pouco você vira sênior e ferrou tudo. A coisa fica mais séria</p>	<p>“É difícil porque você compete em um nível absoluto.”</p>	<p>“No juvenil você tem muito mais oportunidade de pegar seleções.”</p>

ainda.”		
<p>S4. “Passei pelo juvenil pro júnior, eu acho que foi muito bom pra mim, cresci bastante, mesmo tendo sido mais difícil. E por enquanto eu tô melhorando bastante na minha carreira, eu tô evoluindo. Eu sei que a cobrança é maior, a gente tem que dar mais resultado. Eu acho que pesa um pouco mais a pressão. Ainda mais com os pais, que depois a gente tem que viver a nossa vida sozinho, mas eu tô confiante.”</p>	<p>“Apesar da pressão por resultados, estou evoluindo.”</p>	<p>“A cobrança é maior, a gente tem que dar mais resultado pra continuar no clube.”</p>
<p>S5. “É uma fase que pesa a parte da faculdade, de você estar chegando em uma idade que já tem que ter uma ideia do que você quer fazer. Tem certos dias que pesa um pouquinho na cabeça essa parte do que escolher, então, não é tão fácil assim. Mas tem dias que você sai de um treino bem, você fala, é isso daqui que eu quero! Mas tem dias que é mais difícil, que aí você pára pra pensar mesmo se, se vale pena, se é isso que você quer.”</p>	<p>“É uma fase que pesa o fato de escolher uma carreira.”</p>	<p>“Está chegando em uma idade que já tem que ter uma ideia do que você quer fazer.”</p>
<p>S6. “É uma fase bem importante na carreira de qualquer atleta de alto rendimento porque você já começa a brigar com o pessoal que já é sênior, então você nada de igual para igual com eles. É uma fase onde você começa a entrar nas seleções absolutas, carregar uma responsabilidade gostosa. E assim, você conseguir ir atrás de recordes. É uma fase muito importante, onde você começa a se profissionalizar no</p>	<p>“É uma fase bem importante, onde você começa a se profissionalizar no esporte e começa a ter os frutos de quando era criança.”</p> <p>“É uma fase onde você começa a carregar uma responsabilidade gostosa.”</p>	

<p>esporte e você começa a ter os frutos de quando você era criança, então você tem muitas recompensas, você viaja bastante, conhece pessoas novas. É uma coisa muito boa e você tem o reconhecimento de você ser o espelho do pessoal que está começando. Cada ano que passa vem mais responsabilidades, outros objetivos.”</p>		
<p>S7. “É um pouco complicado porque quando eu virei júnior, foi quando eu vim morar aqui. Eu morava em outra cidade. Aí cê largar uma vida lá pra vir aqui pra treinar, é um negócio totalmente diferente. É uma fase também de muita indecisão porque é bem nessa fase que acaba a escola, então tem que decidir se você continua nadando, é tudo muito confuso. Acho que se fosse colocar tudo numa palavra seria confuso. Mas é uma fase que pra mim é muito boa porque é onde cê tem mais melhora de tempo. Porque é a fase que cê começa a treinar mais, cê deslança.”</p>	<p>“É confuso porque tem que decidir se vai continuar nadando.”</p> <p>“É complicado porque tive que sair da minha cidade para treinar aqui.”</p> <p>“É uma fase boa porque você faz tempos melhores.”</p>	
<p>S8. “É a transição mais complicada que eu tive desde o início porque eu terminei a escola e entrei na faculdade. Faculdade é um negócio bem mais sério e também começa a aparecer mais responsabilidades, você começa a ter uma visão mais ampla de como funciona o mundo e tudo, aí você começa a pensar se é isso mesmo que você quer se isso pode ter dar um futuro legal, melhor,</p>	<p>“É a transição mais complicada que eu tive.”</p> <p>“Você começa a questionar a natação como carreira.”</p>	

e se já não tá na hora de parar.”		
S9. “Até agora tá sendo muito boa porque eu to evoluindo muito o meu treinamento na água, fora da piscina e muito na vida, porque eu moro sozinho. Eu tenho bem mais responsabilidade agora, como é mais treino e estudo a noite, aí eu senti que eu to evoluindo.”	<p>“Estou evoluindo nos treinos.”</p> <p>“Estou evoluindo na vida, porque eu moro sozinho.”</p>	
S10. “Eu to gostando bastante. Tá sendo muito boa pra mim, ainda mais nessa fase agora. Eu to conseguindo me adequar bem a situação, ao tipo de treino, a intensidade do treino, ao volume do treino. Muda bastante, você tem que ter um alto rendimento, tanto psicológico, como físico. Você tem que a cada dia, levar seu corpo ao limite.”	“Estou gostando porque estou conseguindo me adequar aos treinos.”	“Você tem que a cada dia, levar seu corpo ao limite.”
S11. “Eu acho que é uma transição complicada porque a gente ainda é meio que adolescente passando pra vida adulta. Tem que começar a decidir o futuro, carreira, se vai realmente querer seguir na natação. Porque ou eu estudo ou eu treino bem, é meio que complicado. Também tem a hora que faz essa transição, muita gente começa a ver, gosto mais de sair do que ficar só treinando, não é só questão de vida profissional é de vida social também. E as vezes você tem que se privar de muita coisa e muita gente não consegue.”	<p>“É uma transição complicada porque tem que começar a decidir o futuro.”</p> <p>“Muita gente começa a ver que gosta mais de sair do que ficar só treinando, não é só questão de vida profissional é de vida social também.”</p> <p>“Você tem que se privar de muita coisa e muita gente não consegue.”</p>	“Você tem que se privar de muita coisa e muita gente não consegue.”
S12. “Tem que ter bastante foco e	“Tem que saber que é isso	“Você tem que tá

<p>concentração. Saber que é isso que você realmente quer da sua vida porque você foca mais nisso do que em outras coisas da sua vida.”</p>	<p>que você quer da sua vida.”</p>	<p>sempre bem concentrado.”</p>
<p>S13. “Pra mim tá sendo bem normal. Porque desde o ano passado eu tenho pensado nisso e pensado no que eu quero fazer da escola e da natação. Então eu já tenho um planejamento pro ano que vem e pro próximo ano.”</p>	<p>“Já tenho planejado o que vou fazer nos próximos anos.”</p>	
<p>S14. “Acho que é uma motivação. Porque você vê as pessoas mais velhas você pensa que você tá chegando na hora de ficar treinando com eles. Aí isso te motiva porque você tem que chegar num resultado, pra você poder acompanhar eles nos treinos.”</p>	<p>“É motivador pensar que vai treinar com os mais velhos.”</p>	
<p>S15. “É meio complicado assim porque eu acabei de fazer a transição para o júnior 1, mas pra mim tá sendo uma ótima experiência, é difícil, mas a gente tem que aprender a lidar com essas coisas. E o júnior 2 que acaba mais abandonando nesta fase, por causa da escola, início da faculdade. Então é uma fase meio difícil, conciliar o estudo com a natação. Mas eu acho que é só uma questão de você tentar juntar tudo numa coisa que você quer pra frente. Então você tem que ter muita determinação pra você continuar e conciliar tudo. E eu acho que a minha experiência pra poder ir pro sênior daqui dois anos tá sendo complicado. Já tá sendo complicado</p>	<p>“É uma fase meio difícil de conciliar o estudo com a natação.”</p>	<p>“É difícil, mas a gente tem que aprender a lidar com essas coisas.”</p>

<p>esse ano que sou júnior 1. Tudo vai desmotivando você, mas aí já vem do seu querer mesmo.”</p>		
<p>S16. “É decisiva. Porque acho que é realmente a fase onde a galera fala se vai seguir isso pra carreira, pra vida, ou se vai seguir outro rumo. Ainda mais em questão deste país que você precisa estudar muito pra entrar em uma faculdade. E também tem a coisa do apoio financeiro do esporte que acaba pesando também, então é complicado!”</p>	<p>“É a fase que você decide se vai querer seguir na natação ou tomar outro rumo.”</p>	
<p>S17. “Pra mim � uma experiência que eu vou estar competindo com atletas absolutos e isso vai me motivar mais a tentar igualar os tempos com quem já � categoria absoluta.”</p>	<p>“� motivador competir com atletas absolutos.”</p>	
<p>S18. “� uma transi�o bem difícil porque eu tive que sair de casa pra morar sozinho. E ainda vai ficar bem pior porque eu vou ter que conciliar os estudos com os treinos. Mas eu vou conseguir.”</p>	<p>“� difícil porque tive que sair de casa para morar sozinho.”</p>	
<p>S19. “� que normalmente muitos atletas param antes de fazer essa transi�o. Por conta de desmotiva�o ou porque o clube faz com que eles não tenham mais acesso. E também tem uma fase das nossas vidas que a gente tem que fazer uma compara�o, tipo dinheiro. Se ele não t� recebendo nada, mas t� nadando, ele precisa mandar a vida dele pra frente. Então, ele precisa trabalhar pra isso. Mas</p>	<p>“Tem que trabalhar para se desenvolver.”  “Estou me adaptando muito bem.”</p>	

<p>assim, a minha transição do juvenil pro júnior foi bem diferente, eu tô gostando muito, tô me adaptando muito bem, eu me sinto mesmo uma júnior.”</p>		
<p>S20. “Essa transição foi muito complicada pra mim porque é totalmente diferente da vida que eu tinha antes. Porque agora veio muita independência, que eu moro só. Então, ficar sem os pais, dá aquele medinho. Mas eu tô amando, tá sendo uma experiência incrível e espero prosseguir com isso.”</p>	<p>“É difícil morar sozinha, mas estou amando.”</p>	

### Quadro 2: Categorização de ideias centrais e expressões-chave

Categorias	Ideias centrais	Expressões-chave
<p>A. É motivador. (10%)</p>	<p>S14. “É motivador pensar que vai treinar com os mais velhos.”</p> <p>S17. “É motivador competir com atletas absolutos.”</p>	<p>S14. “Acho que é uma motivação. Porque você vê as pessoas mais velhas você pensa que você tá chegando na hora de ficar treinando com eles. Aí isso te motiva porque você tem que chegar num resultado, pra você poder acompanhar eles nos treinos.”</p> <p>S17. “Pra mim é uma experiência que eu vou estar competindo com atletas absolutos e isso vai me motivar mais a tentar igualar os tempos com quem já é categoria absoluta.”</p>
<p>B. Teve que sair da casa dos pais.</p>	<p>S9. “Estou evoluindo na vida, porque eu moro sozinho.”</p> <p>S18. “É difícil porque tive que</p>	<p>S9. “Até agora tá sendo muito boa porque eu tô evoluindo muito o meu treinamento na água, fora da piscina e muito na vida,</p>

(15%)	<p>sair de casa para morar sozinho.”</p> <p>S20. “É difícil morar sozinha, mas estou amando.”</p>	<p>porque eu moro sozinho. Eu tenho bem mais responsabilidade agora, como é mais treino e estudo a noite, aí eu senti que eu tô evoluindo.”</p> <p>S18. “É uma transição bem difícil porque eu tive que sair de casa pra morar sozinho. E ainda vai ficar bem pior porque eu vou ter que conciliar os estudos com os treinos. Mas eu vou conseguir.”</p> <p>S20. “Essa transição foi muito complicada pra mim porque é totalmente diferente da vida que eu tinha antes. Porque agora veio muita independência, que eu moro só. Então, ficar sem os pais, dá aquele medinho. Mas eu tô amando...”</p>
<p>C. Está satisfeito com o processo. (25%)</p>	<p>S4. “Apesar da pressão por resultados, estou evoluindo.”</p> <p>S9. “Estou evoluindo nos treinos.” “Estou evoluindo na vida, porque eu moro sozinho.”</p> <p>S13. “Já tenho planejado o que vou fazer nos próximos anos.”</p> <p>S19. “Estou me adaptando muito bem.”</p>	<p>S4. “Passei pelo juvenil pro júnior, eu acho que foi muito bom pra mim, cresci bastante, mesmo tendo sido mais difícil. E por enquanto eu tô melhorando bastante na minha carreira, eu tô evoluindo. Eu sei que a cobrança é maior, a gente tem que dar mais resultado. Eu acho que pesa um pouco mais a pressão...”</p> <p>S9. “Até agora tá sendo muito boa porque eu tô evoluindo muito o meu treinamento na água, fora da piscina e muito na vida, porque eu moro sozinho...”</p> <p>S.13 “Pra mim tá sendo bem normal. Porque desde o ano passado eu tenho pensado nisso e pensado no que eu quero fazer</p>

		<p>da escola e da natação. Então eu já tenho um planejamento pro ano que vem e pro próximo ano.”</p> <p>S19. “...Mas assim, a minha transição do juvenil pro júnior foi bem diferente, eu tô gostando muito, tô me adaptando muito bem, eu me sinto mesmo uma júnior.”</p>
<p>D. Momento de escolher a carreira. (30%)</p>	<p>S5. “É uma fase que pesa o fato de escolher uma carreira.”</p> <p>S6. “É uma fase bem importante, onde você começa a se profissionalizar no esporte e começa a ter os frutos de quando era criança.”</p> <p>S8. “Você começa a questionar a natação como carreira.”</p> <p>S11. “É uma transição complicada porque tem que começar a decidir o futuro.”</p> <p>S12. “Tem que saber que é isso que você quer da sua vida.”</p> <p>S16. “É a fase que você decide se vai querer seguir na natação ou tomar outro rumo.”</p>	<p>S5. “É uma fase que pesa a parte da faculdade, de você estar chegando em uma idade que já tem que ter uma ideia do que você quer fazer...”</p> <p>S6. “É uma fase bem importante na carreira de qualquer atleta de alto rendimento porque você já começa a brigar com o pessoal que já é sênior, então você nada de igual para igual com eles. É uma fase onde você começa a entrar nas seleções absolutas, carregar uma responsabilidade gostosa. E assim, você conseguir ir atrás de recordes. É uma fase muito importante, onde você começa a se profissionalizar no esporte e você começa a ter os frutos de quando você era criança...”</p> <p>S8. “É a transição mais complicada que eu tive desde o início porque eu terminei a escola e entrei na faculdade. Faculdade é um negócio bem mais sério e também começa a aparecer mais responsabilidades, você começa a ter uma visão mais ampla de como funciona o mundo e tudo aí</p>

		<p>você começa a pensar se é isso mesmo que você quer se isso pode ter dar um futuro legal, melhor, e se já não tá na hora de parar.”</p> <p>S11. “Eu acho que é uma transição complicada porque a gente ainda é meio que adolescente passando pra vida adulta. Tem que começar a decidir o futuro, carreira, se vai realmente querer seguir na natação...”</p> <p>S12. “Tem que ter bastante foco e concentração. Saber que é isso que você realmente quer da sua vida porque você foca mais nisso do que em outras coisas da sua vida.”</p> <p>S16. “É decisiva. Porque acho que é realmente a fase onde a galera fala se vai seguir isso pra carreira, pra vida, ou se vai seguir outro rumo...”</p>
<p>E. Considera difícil ou complicado. (40%)</p>	<p>S1. “É uma fase de adaptação difícil no começo porque tem mais treino.”</p> <p>S2. “É muito difícil porque tem mais treino.”</p> <p>“Se você não tem cabeça e suporte acaba afetando muito”</p> <p>S3. “É difícil porque você compete em um nível absoluto.”</p> <p>S7. “É confuso porque tem que decidir se vai continuar nadando.”</p>	<p>S1. “É uma fase de adaptação porque você vem de uma categoria de base do juvenil que você treina uma vez por dia, daí você passa a treinar duas vezes por dia, e começa a estudar a noite que é mais puxado. E você aprende mais com os mais velhos porque antes você olhava pra eles como referência, hoje você tem treino com eles lado a lado...”</p> <p>S2. “Essa transição é muito difícil porque muda muito os treinos. E se você não tem cabeça, não tem</p>

	<p>S8. “É a transição mais complicada que eu tive.”</p> <p>S11. “É uma transição complicada porque tem que começar a decidir o futuro.”</p> <p>S15. “É uma fase meio difícil de conciliar o estudo com a natação.”</p> <p>S18. “É difícil porque tive que sair de casa para morar sozinho.”</p>	<p>um suporte todo, acaba afetando muito...”</p> <p>S3. “É meio que difícil sabe, porque no juvenil você tem muito mais oportunidade de pegar seleções, quando você passa a ser júnior, tem poucas opções assim, é tudo já mais adulto, mais absoluto, entendeu? Competindo com pessoas maiores que você. Então, essa transição foi bem complicada...”</p> <p>S7. “É um pouco complicado porque quando eu virei júnior, foi quando eu vim morar aqui. Eu morava em outra cidade, aí cê largar uma vida lá pra vir aqui pra treinar, é um negócio totalmente diferente. É uma fase também de muita indecisão porque é bem nessa fase que acaba a escola, então tem que decidir se você continua nadando, é tudo muito confuso...”</p> <p>S8. “É a transição mais complicada que eu tive desde o início porque eu terminei a escola e entrei na faculdade...”</p> <p>S11. “Eu acho que é uma transição complicada porque a gente ainda é meio que adolescente passando pra vida adulta. Tem que começar a decidir o futuro, carreira, se vai realmente querer seguir na natação...”</p> <p>S15. “É meio complicado assim porque eu acabei de fazer a</p>
--	---	--

		<p>transição para o júnior 1, mas pra mim tá sendo uma ótima experiência, é difícil, mas a gente tem que aprender a lidar com essas coisas. E o júnior 2 que acaba mais abandonando nesta fase, por causa da escola, início da faculdade. Então é uma fase meio difícil, conciliar o estudo com a natação...”</p> <p>S18. “É uma transição bem difícil porque eu tive que sair de casa pra morar sozinho...”</p>
--	--	--

O quadro seguinte mostra as ancoragens que foram utilizadas em diferentes expressões-chaves.

### Quadro 3: Categorização das ancoragens

Categorias (Anc.)	Ancoragens
Condições para ser atleta de alto rendimento	<p>S2. “Cabeça de atleta tem que tá boa pra todos os momentos.”</p> <p>S4. “A cobrança é maior, a gente tem que dar mais resultado pra continuar no clube.”</p> <p>S10. “Você tem que a cada dia, levar seu corpo ao limite.”</p> <p>S11. “Você tem que se privar de muita coisa e muita gente não consegue.”</p> <p>S12. “Você tem que tá sempre bem concentrado.”</p>
Categoria Juvenil	S3. “No juvenil você tem muito mais oportunidade de pegar seleções.”
	S5. “Está chegando em uma idade que já tem que ter uma ideia do que você quer

Categoria Júnior	fazer.” S15. “É difícil, mas a gente tem que aprender a lidar com essas coisas.”
------------------	---

Os agrupamentos de sentidos semelhantes permitem a elaboração dos seguintes discursos coletivos, como se fossem de um único sujeito (LEFEVRE e LEFEVRE, 2010). Estão apresentados no quadro abaixo.

#### Quadro 4: Discurso do Sujeito Coletivo

<b>Discurso do Sujeito Coletivo</b>
<p><b>A. É motivador.</b></p> <p>“Acho que é uma motivação. Porque você vê as pessoas mais velhas, você pensa que tá chegando na hora de ficar treinando com eles. É uma experiência que eu vou estar competindo com atletas absolutos e isso vai me motivar mais a tentar igualar os tempos com quem já é categoria absoluta. Aí isso te motiva porque você tem que chegar num resultado, pra você poder acompanhar eles nos treinos.”</p> <p><b>B. Teve que sair da casa dos pais</b></p> <p>“Essa transição foi muito complicada pra mim porque é totalmente diferente da vida que eu tinha antes, porque eu tive que sair de casa pra morar sozinho. E ainda vai ficar bem pior porque eu vou ter que conciliar os estudos com os treinos. Agora veio muita independência. Então, ficar sem os pais, dá aquele medinho. Mas tá sendo uma experiência incrível e espero prosseguir com isso. Eu tô evoluindo muito o meu treinamento na água, fora da piscina e muito na vida, porque eu moro sozinho. Eu tenho bem mais responsabilidade agora. Como é mais treino e estudo a noite, senti que eu tô evoluindo.</p> <p><b>C. Está satisfeito com o processo</b></p> <p>“É que normalmente muitos atletas param antes de fazer essa transição. Por conta de desmotivação ou porque o clube faz com que eles não tenham mais acesso. E também, tem uma fase das nossas vidas que a gente tem que fazer uma comparação, tipo, dinheiro. Se ele não tá recebendo nada, mas tá nadando, ele precisa mandar a vida dele pra frente. Então, ele precisa trabalhar pra isso. Mas assim, a minha transição do juvenil pro júnior foi bem diferente, eu tô gostando muito, tô me adaptando muito bem, eu me sinto mesmo uma júnior. Eu acho que cresci bastante, mesmo tendo sido difícil. E por enquanto eu tô melhorando bastante na minha carreira, eu tô evoluindo. Eu sei que a cobrança é maior, a gente tem que dar mais resultado. Eu acho que pesa um pouco mais a pressão. Ainda mais</p>

com os pais, que depois a gente tem que viver a nossa vida sozinho, mas eu tô confiante. Até agora tá sendo muito boa (a fase de transição) porque eu tô evoluindo muito o meu treinamento na água, fora da piscina e muito na vida, porque eu moro sozinho. Eu tenho bem mais responsabilidade agora. Como é mais treino e estudo a noite, aí eu senti que eu to evoluindo. Desde o ano passado eu tenho pensado nisso e pensado no que eu quero fazer da escola e da nataçãõ. Então eu já tenho um planejamento pro ano que vem e pro próximo ano.”

#### **D. Momento de escolher a carreira**

“É uma fase bem importante na carreira de qualquer atleta de alto rendimento, porque você começa a brigar com o pessoal que já é sênior, então você nada de igual para igual com eles. É uma fase onde você começa a entrar nas seleções absolutas, carregar uma responsabilidade gostosa. E assim, você conseguir ir atrás de recordes. Você começa a ter os frutos de quando você era criança, então tem muitas recompensas, você viaja bastante, conhece pessoas novas. É uma coisa muito boa e você tem o reconhecimento de você ser o espelho do pessoal que está começando. Cada ano que passa vem mais responsabilidades, outros objetivos. Eu acho que é uma transição complicada porque a gente ainda é meio que adolescente passando pra vida adulta. Tem que começar a decidir o futuro, carreira, se vai realmente querer seguir na nataçãõ. Porque ou eu estudo ou eu treino bem, é meio que complicado. Muita gente começa a ver, gosto mais de sair do que ficar só treinando, não é só questão de vida profissional é meio que vida social também. E as vezes você tem que se privar de muita coisa e muita gente não consegue. Tem que ter bastante foco e concentração. Saber que é isso que você realmente quer da sua vida porque você foca mais nisso do que em outras coisas da sua vida. É (uma fase) decisiva. Porque acho que é realmente a fase onde a galera fala se vai seguir isso pra carreira, pra vida, ou se vai seguir outro rumo. Ainda mais em questão deste país que você precisa estudar muito pra entrar em uma faculdade. É uma fase que pesa a parte da faculdade, de você estar chegando em uma idade que já tem que ter uma ideia do que você quer fazer. Tem certos dias que pesa um pouquinho na cabeça essa parte do que escolher, então, não é tão fácil assim. Mas tem dias que você sai de um treino bem, você fala, é isso daqui que eu quero! Mas tem dias que é mais difícil, que aí você pára pra pensar mesmo se vale pena, se é isso que você quer. Faculdade é um negócio bem mais sério e também começa a aparecer mais responsabilidades, você começa a ter uma visão mais ampla de como funciona o mundo e tudo, aí você começa a pensar se é isso mesmo que você quer, se isso pode te dar um futuro legal, melhor, e se já não tá na hora de parar. E também tem a coisa do apoio financeiro do esporte que acaba pesando também, então é complicado!”

#### **E. Considera difícil ou complicado**

“Essa transição é muito difícil porque muda muito os treinos. E se você não tem cabeça, não tem um suporte todo, acaba afetando muito. Eu tive um problema esse ano, comecei a treinar muito mal, aí começou a afetar minha cabeça e eu fiquei com um mês de diarreia. Aí

eu acabei não competindo, fiquei pior, porque cabeça de atleta tem que tá boa pra todos os momentos, pra treino, competição e acabou me afetando muito, mas tem que manter o foco não pode deixar abalar por nada, porque agora a gente já tá no patamar mais profissional. Tem que ter a cabeça no lugar porque senão a transição te abala muito, porque é mais treino. É meio que difícil sabe?! Porque no juvenil você tem muito mais oportunidade de pegar seleções, quando você passa a ser júnior, tem poucas opções assim. É tudo já mais adulto, mais absoluto, entendeu? É uma fase de adaptação porque você vem de uma categoria de base que você treina uma vez por dia, daí você passa a treinar duas vezes por dia, e começa a estudar a noite que é mais puxado. Para mim tá sendo uma ótima experiência, é difícil, mas a gente tem que aprender a lidar com essas coisas. E o júnior 2 que acaba mais abandonando nesta fase, por causa da escola, início da faculdade. Então é uma fase meio difícil, conciliar o estudo com a natação. É bem difícil no começo, mas depois que você acostuma. Mas eu acho que é só uma questão de você tentar juntar tudo numa coisa que você quer pra frente. Então você tem que ter muita determinação, pra você continuar e conciliar tudo. Eu acho que a minha experiência pra poder ir pro sênior tá sendo complicado. Já tá sendo complicado esse ano que sou júnior 1. Tudo vai desmotivando você, mas aí já vem do seu querer mesmo. É uma transição bem difícil porque eu tive que sair de casa pra morar sozinho. É um pouco complicado porque quando eu virei júnior, foi quando eu vim morar aqui. Eu morava em outra cidade, aí cê largar uma vida lá pra vir aqui pra treinar, é um negócio totalmente diferente. E ainda vai ficar bem pior porque eu vou ter que conciliar os estudos com os treinos. Mas eu vou conseguir. É uma fase também de muita indecisão porque é bem nessa fase que acaba a escola, então tem que decidir se você continua nadando, é tudo muito confuso. Acho que se fosse colocar tudo numa palavra seria confuso. Eu acho que é uma transição complicada porque a gente ainda é meio que adolescente passando pra vida adulta. Tem que começar a decidir o futuro, carreira, se vai realmente querer seguir na natação. Porque ou eu estudo ou eu treino bem, é meio que complicado. Também tem a hora que faz essa transição, muita gente começa a ver, gosto mais de sair do que ficar só treinando, não é só questão de vida profissional é meio que vida social também. E as vezes você tem que se privar de muita coisa e muita gente não consegue. É a transição mais complicada que eu tive desde o início, porque eu terminei a escola e entrei na faculdade. Faculdade é um negócio bem mais sério e também começa a aparecer mais responsabilidades, você começa a ter uma visão mais ampla de como funciona o mundo e tudo, aí você começa a pensar se é isso mesmo que você quer se isso pode ter dar um futuro legal, melhor, e se já não tá na hora de parar. Mas é uma fase que pra mim é muito boa porque é onde cê tem mais melhora de tempo. Porque é a fase que cê começa a treinar mais, cê deslança. E você aprende mais com os mais velhos porque antes você olhava pra eles como referência, hoje você tem treino com eles lado a lado. Competindo com pessoas maiores que você. Então, essa transição foi bem complicada. Mas agora eu alcancei o objetivo que eu queria, chegar num nível adulto, que agora é um nível mais profissional do júnior, que daqui a pouco vira sênior e ferrou tudo. A coisa fica mais

séria ainda.”

A segunda questão aborda a percepção dos atletas sobre o trabalho da psicologia esportiva nesta fase de transição. De modo geral, os atletas apontaram o trabalho realizado pela psicologia como fonte de apoio e auxílio, tanto no que diz respeito à performance esportiva, quanto em aspectos de desenvolvimento pessoal e processo de tomada de decisão. Alguns ainda apontaram o psicólogo como uma figura de confiança, alguém com quem se pode compartilhar tudo, pois tem uma escuta diferente dos familiares, dos amigos, do técnico e de outras pessoas da comissão.

Seguem os resultados referentes à segunda questão, apresentados na seguinte sequência de quadros:

### 3.2 Questão 2 - Qual a sua opinião sobre o trabalho de um psicólogo do esporte com os atletas que estão nesta fase?

**Quadro 5: Expressões-chave, ideias centrais e ancoragem**

Expressões-chave (ECH)	Ideias centrais (Ic)	Ancoragens (Anc)
S1. “Acho que é importante porque tem muita gente que ou demora pra se adaptar ou sente muita dificuldade no processo. Que daí pra aconselhar, pra não desanimar ou querer criar uma expectativa alta demais.”	“É importante para não desanimar e não criar uma expectativa alta demais.”	
S2. “Acho que é muito importante porque eu já fiz uma época. Eu tinha medo de nadar provas grandes e é o que atualmente eu nado. E aí ela conversou comigo e a minha evolução foi muito boa. Então pra essa transição, acho que	“É importante ter alguém que te conheça para te ajudar.”	

<p>é muito importante ter, acho que só o pai e a mãe não ajuda não. Tem que ter alguém pra te ajudar, pra te apoiar, a pessoa que conhece isso, ela sabe os nossos momentos bons, sabe os nossos treinos como é.”</p>		
<p>S3. “Pra mim foi muito importante sabe? Ajuda a gente, que a gente se estressa demais. Eu fico longe da minha família, eu preciso de um psicólogo pra falar tudo. Porque mesmo que eu tenha uma grande amizade com o técnico, não dá, eu não tenho intimidade pra falar com ele como eu teria com um psicólogo, principalmente que é do esporte que entende o meu dia a dia.”</p>	<p>“É importante pois preciso de alguém que entende minha rotina para contar tudo.”</p>	
<p>S4. “Eu já passei com psicólogo, mas antes, quando era menor, porque eu tinha um problema de confiança. Eu acho que pra quem tem dificuldade, tem muita gente que tem né, acho que pode ajudar bastante a pessoa fortalecer a mente e o corpo, acho que ajuda na performance na água.”</p>	<p>“Pode ajudar a melhorar a performance.”</p>	
<p>S5. “Acho que é bem necessário tanto que eu já tive vontade de procurar pra passar. Não só pela fase. Problema de chegar na hora da competição e travar... a cabeça não ajudar. E acho que nesta fase é ainda mais importante porque tem essa questão da escolha, então acaba pesando ainda mais na cabeça.”</p>	<p>“É bem necessário, tanto pela fase quanto pelas competições.”</p>	<p>“E acho que nesta fase é ainda mais importante porque tem essa questão da escolha, então acaba pesando ainda mais na cabeça”</p>

<p>S6. “Eu acho que é muito importante né, não só nesta fase mas em todas. É porque nesta fase é onde as vezes muitas pessoas param de nadar. E muitas começam a se questionar se é isso mesmo que quer pra vida. E o trabalho do psicólogo é muito importante para ajudar o atleta a encontrar a melhor forma de chegar ao auge na forma mental que é pra mim o grande diferencial de cada atleta. O trabalho da psicologia ajuda o atleta a se encontrar dentro dele, a saber controlar mais, ele se conhecer melhor, o que que pra ele ajuda, se é ficar mais focado, ou se conversar ou achar outras maneiras de se concentrar. Então eu acho assim que é uma fase que a pessoa está se conhecendo e o trabalho do psicólogo vem pra ajudar a moldar a pessoa. Então, aí você pode falar coisas, ajudar com as coisas externas de uma forma assim que não pode as vezes falar com uma outra pessoa. Eu acho que é uma coisa assim que é essencial na vida do atleta.”</p>	<p>“É importante para o atleta se conhecer.”</p> <p>“Posso contar coisas que não falo para outras pessoas.”</p>	
<p>S7. “Eu nunca passei com psicólogo, eu comecei a passar esse ano e ela não é do esporte. Eu não conheço muito bem o trabalho de um psicólogo do esporte o que ele faz exatamente, mas eu acredito que seja um negócio muito importante. Principalmente o ano passado que</p>	<p>“É importante ter alguém te acompanhando na rotina e nas tomadas de decisão que esta fase impõe.”</p>	

<p>teve essa transição de cidade tal, eu sofri muito sabe? Esse ano consegui pagar uma sem ser do esporte mas eu acho que é muito importante cê ter alguém ali acompanhando sua rotina, te orientando, te ajudando a fazer as decisões, que nesta fase também é cheia de decisões assim.”</p>		
<p>S8. “Eu acho bem importante porque é um apoio.”</p>	<p>“É um apoio importante.”</p>	
<p>S9. “Falando de mim, há um tempo atrás, eu tinha muita dificuldade em competição. Aí eu comecei a fazer um trabalho com psicólogo, eu comecei a obter bastante resultado e isso me ajuda bastante. Acho muito importante pra competir e até pra vida.”</p>	<p>“Me ajuda bastante para competir e na vida.”</p>	<p>“Você pode ser a pessoa mais cem por cento treinada, mas se sua cabeça não tiver boa mil e cinquenta por cento, você não vai obter nenhum resultado.”</p>
<p>S10. “A parte do psicológico é muito importante, porque com a ajuda do psicólogo você consegue ter mais tranquilidade na hora de algum momento que você esteja passando, tanto da prova, como da competição ou em alguma fase do treinamento que você não esteja bem. É fazer com que você enxergue que você é capaz, que você tem potencial. O trabalho psicológico sempre vai tentar te levar a melhor performance mental possível.”</p>	<p>“O trabalho psicológico ajuda a perceber que você é capaz.”</p>	<p>“O trabalho psicológico sempre vai tentar te levar a melhor performance mental possível pra você.”</p>
<p>S11. “Então eu acho que essa é uma das piores fases de uma pessoa tipo, um adolescente tá começando a ter essa transição e</p>	<p>“O psicólogo ajuda a lidar com seus problemas não só no esporte, na vida.”</p>	

<p>eu acho que o psicólogo entra nesta fase mental mesmo para saber lidar com seus problemas e resolver. Principalmente na transição para a fase adulta né, não só no esporte.”</p>		
<p>S12. “É que nesta fase a gente passa por muitas mudanças, escolhas, acho que na vida. O psicólogo ajuda a lidar com as frustrações da vida do esporte.”</p>	<p>“O psicólogo ajuda a lidar com as frustrações da vida e do esporte.”</p>	
<p>S13. “Acho que é uma das partes mais importantes porque se é uma fase de transição, sem apoio, você fica meio desorientado. Pra não desistir ou saber o que você vai fazer daqui pra frente.”</p>	<p>“É importante para saber o que fazer daqui pra frente.”</p>	
<p>S14. “Acho importante porque você veio de uma fase da adolescência que seu corpo tá mudando, aí seu corpo pára de mudar. Aí você começa a precisar de ajuda pra baixar o tempo, você precisa treinar mais pra conseguir abaixar o tempo. E você passa por várias coisas também, psicólogo é sempre bom pra desabafar e pra se entender também.”</p>	<p>“Psicólogo é bom pra ajudar a se entender.”</p>	
<p>S15. “Acho meio que essencial a gente ter esse suporte pelo fato da gente tá numa fase que vai ter que amadurecer e eu acho que eles acabam ajudando a gente a desenvolver essa maturidade com alguns conselhos, ouvindo a gente.”</p>	<p>“É essencial para ajudar a desenvolver maturidade.”</p>	

<p>S16. “Acho que acaba sendo uma fase muito decisiva e que surgem muitos questionamentos, as vezes a gente pode até acabar se perdendo nisso. E acho que eles ajudam muito nesta questão de guiar assim, levar você a pensar realmente o que você quer da sua vida.”</p>	<p>“Ajuda a pensar o que você realmente quer da sua vida.”</p>	
<p>S17. “Eu acho importante a psicóloga porque ajuda na parte psicológica da pessoa, porque muitas das vezes não tem com quem conversar, buscar ajuda. E aí, a psicóloga do esporte, ela entra nesta parte.”</p>	<p>“A psicóloga é uma fonte de ajuda.”</p>	
<p>S18. “Minha opinião é que é muito importante para os atletas pois nesta fase o nível de competições está cada vez maior e a cobrança de si mesmo também aumenta, podendo ocasionar uma sobrecarga emocional e consequentemente atrapalhar no desempenho do atleta. No meu caso, estou passando por uma depressão e o acompanhamento tem me ajudado bastante, acredito que não sou o único com esses problemas.”</p>	<p>“É importante pois nesta fase as cobranças são maiores e isso pode gerar sobrecarga emocional.”</p>	
<p>S19. “É extremamente importante porque é uma fase em que o atleta está totalmente perdido e com a psicologia em si, pode ajudar a desenvolver um pouco o que ele quer durante o treino, que que ele tá pensando, a forma como deve reagir. É extremamente importante também porque o atleta pode desabafar, pode falar o que ele pensa sem crítica. As vezes o que</p>	<p>“É importante pois o psicólogo pode te ajudar de forma técnica, diferente de outros profissionais ou colegas.”</p>	

que ele deve tá pensando, um técnico ou um atleta, um colega de treino, ele não vai poder ajudar como um psicólogo poderia.”		
S20. “Eu acho muito importante, ainda mais que a nataçãõ tem muitos altos e baixos e isso mexe muito com a cabeça de um atleta, aí ter sempre alguém ali pra estar conversando com você, ter uma pessoa que sabe bem sobre isso.”	“É importante ter alguém para conversar que saiba da nataçãõ.”	“A nataçãõ tem muitos altos e baixos e isso mexe muito com a cabeça de um atleta.”

#### Quadro 6: Categorizaçãõ de ideias centrais e expressões-chave

<b>Categorias</b>	<b>Ideias centrais</b>	<b>Expressões-chave</b>
A. O trabalho da psicologia auxilia no desenvolvimento pessoal e no esporte. (40%)	<p>S.1 “É importante para não desanimar e não criar uma expectativa alta demais.”</p> <p>S4. “Pode ajudar a melhorar a performance.”</p> <p>S5. “É bem necessário, tanto pela fase quanto pelas competições.”</p> <p>S6. “É importante para o atleta se conhecer.”</p> <p>S10. “O trabalho psicológico que ajuda a perceber que você é capaz.”</p> <p>S14. “Psicólogo é sempre bom pra se entender.”</p> <p>S15. “É essencial para</p>	<p>S1. “Acho que é importante porque tem muita gente que ou demora pra se adaptar ou sente muita dificuldade no processo que daí pra aconselhar, pra não desanimar ou querer criar uma expectativa alta demais.”</p> <p>S4. “(...) acho que pode ajudar bastante a pessoa fortalecer a mente e o corpo, acho que ajuda na performance na água.”</p> <p>S5. “(...) E acho que nesta fase é ainda mais importante porque tem essa questão da escolha, então acaba pesando ainda mais na cabeça.”</p> <p>S6. “(...)O trabalho da psicologia ajuda o atleta a se encontrar dentro dele, a saber controlar mais, ele se conhecer melhor, o que que pra ele ajuda (...)”</p> <p>S10. “(...)com a ajuda do psicólogo você consegue ter mais tranquilidade na hora de algum momento que você esteja</p>

	<p>ajudar a desenvolver maturidade.”</p> <p>S.18 “É importante pois nesta fase as cobranças são maiores e isso pode gerar sobrecarga emocional”</p>	<p>passando, tanto da prova, como da competição ou em alguma fase do treinamento que você não esteja bem. É fazer com que você enxergue que você é capaz (...)</p> <p>S14. “(...) E você passa por várias coisas também, psicólogo é sempre bom pra desabafar e pra se entender também.”</p> <p>S15. “(...) eles acabam ajudando a gente a desenvolver essa maturidade com alguns conselhos, ouvindo a gente.”</p> <p>S.18 “(...)é muito importante para os atletas pois nesta fase o nível de competições está cada vez maior e a cobrança de si mesmo também aumenta, podendo ocasionar uma sobrecarga emocional e consequentemente atrapalhar no desempenho do atleta (...)</p>
<p>B. O trabalho da psicologia é uma fonte de apoio. (40%)</p>	<p>S2. “É importante ter alguém que te conheça para te ajudar.”</p> <p>S8. “É um apoio importante”</p> <p>S9. “Me ajuda bastante para competir e na vida.”</p> <p>S11. “O psicólogo ajuda a lidar com seus problemas não só no esporte, na vida.”</p> <p>S12. “O psicólogo ajuda a lidar com as frustrações da vida e</p>	<p>S2. “(...)Tem que ter alguém pra te ajudar, pra te apoiar, a pessoa que conhece isso, ela sabe os nossos momentos bons, sabe os nossos treinos como é (...)</p> <p>S8. “Eu acho bem importante porque é um apoio.”</p> <p>S9. “(...) comecei a fazer um trabalho com psicólogo, eu comecei a obter bastante resultado e isso me ajuda bastante (...)</p> <p>S11. “(...) um adolescente tá começando a ter essa transição e eu acho que o psicólogo entra nesta fase mental mesmo para saber lidar com seus problemas e resolver (...)</p>

	<p>do esporte.”</p> <p>S17. “A psicóloga é uma fonte de ajuda.”</p> <p>S19. “É importante pois o psicólogo pode te ajudar de forma técnica, diferente de outros profissionais ou colegas.”</p> <p>S20. “É importante ter alguém para conversar que saiba da natação.”</p>	<p>S12. “É que nesta fase a gente passa por muitas mudanças, escolhas, acho que na vida. O psicólogo ajuda a lidar com as frustrações da vida do esporte.”</p> <p>S17. “Eu acho importante a psicóloga porque ajuda na parte psicológica da pessoa, porque muitas das vezes não tem com quem conversar, buscar ajuda (...)”</p> <p>S19. “(...) É extremamente importante também porque o atleta pode desabafar, pode falar o que ele pensa sem crítica. As vezes o que que ele deve tá pensando, um técnico ou um atleta, um colega de treino, ele não vai poder ajudar como um psicólogo poderia.”</p> <p>S20. “Eu acho muito importante, ainda mais que a natação tem muitos altos e baixos. E isso mexe muito com a cabeça de um atleta, aí ter sempre alguém ali pra estar conversando com você, ter uma pessoa que sabe bem sobre isso.”</p>
<p>C. O trabalho da psicologia auxilia nas tomadas de decisão. (15%)</p>	<p>S7. “É importante ter alguém te acompanhando na rotina e nas tomadas de decisão que esta fase impõe.”</p> <p>S13. “É importante para saber o que fazer daqui pra frente.”</p> <p>S16. “Ajuda a pensar o que você realmente quer da sua vida.”</p>	<p>S7. “(...) eu acho que é muito importante cê ter alguém ali acompanhando sua rotina, te orientando, te ajudando a fazer as decisões, que nesta fase também é cheia de decisões assim.”</p> <p>S13. “Acho que é uma das partes mais importantes porque se é uma fase de transição, sem apoio, você fica meio desorientado. Pra não desistir ou saber o que você vai fazer daqui pra frente.”</p> <p>S16. “(...) E acho que eles ajudam muito nesta questão de guiar assim, levar você a pensar realmente o que você</p>

		quer da sua vida.”
D. Confia no psicólogo para compartilhar coisas que não conta para outras pessoas. (10%)	S3. “É importante pois preciso de alguém para contar tudo.” S6. “Posso contar coisas que não falo para outras pessoas.”	S3. “Pra mim foi muito importante sabe? Ajuda a gente, que a gente se estressa demais. Eu fico longe da minha família, eu preciso de um psicólogo pra falar tudo. (...)” S6. “(...)aí você pode falar coisas, ajudar com as coisas externas de uma forma assim que não pode as vezes falar com uma outra pessoa. Eu acho que é uma coisa assim que é essencial na vida do atleta.”

O quadro seguinte mostra as ancoragens que foram utilizadas em diferentes expressões-chaves.

#### Quadro 7: Categorização das ancoragens

Categorias (Anc.)	Ancoragens
A importância dos aspectos psicológicos na vida de um atleta	S5 “E acho que nesta fase é ainda mais importante porque tem essa questão da escolha, então acaba pesando ainda mais na cabeça” S9 “Você pode ser a pessoa mais cem por cento treinada, mas se sua cabeça não tiver boa mil e cinquenta por cento, você não vai obter nenhum resultado.” S 10 “O trabalho psicológico sempre vai tentar te levar a melhor performance mental possível pra você.” S20 “A natação tem muitos altos e baixos e isso mexe muito com a cabeça de um atleta.”

Os agrupamentos de sentidos semelhantes permitem a elaboração dos seguintes discursos coletivos, como se fossem de um único sujeito (LEFEVRE e LEFEVRE, 2010). Estão apresentados no quadro abaixo.

**Quadro 8: Discurso do Sujeito Coletivo****Discurso do Sujeito Coletivo****A. O trabalho da psicologia auxilia no desenvolvimento pessoal e no esporte.**

“Acho que é importante porque tem muita gente que ou demora pra se adaptar ou sente muita dificuldade no processo que daí pra aconselhar, pra não desanimar ou querer criar uma expectativa alta demais e porque você veio de uma fase da adolescência que seu corpo tá mudando, aí seu corpo pára de mudar. Aí você começa a precisar de ajuda pra baixar o tempo, você precisa treinar mais pra conseguir abaixar o tempo. E você passa por várias coisas também, psicólogo é sempre bom pra desabafar e pra se entender. Então, aí você pode falar coisas, ajudar com as coisas externas de uma forma assim que não pode as vezes falar com uma outra pessoa. Nesta fase o nível de competições está cada vez maior e a cobrança de si mesmo também aumenta, podendo ocasionar uma sobrecarga emocional e conseqüentemente atrapalhar no desempenho do atleta. No meu caso, estou passando por uma depressão e o acompanhamento tem me ajudado bastante, acredito que não sou o único com esses problemas. É bem necessário, não só pela fase. Problema de chegar na hora da competição e travar... a cabeça não ajudar. E acho que nesta fase é ainda mais importante porque tem essa questão da escolha, então acaba pesando ainda mais na cabeça. A gente tá numa fase que vai ter que amadurecer e eu acho que eles acabam ajudando a gente a desenvolver essa maturidade com alguns conselhos, ouvindo a gente. Porque nesta fase é onde as vezes muitas pessoas param de nadar. E muitas começam a se questionar se é isso mesmo que quer pra vida. E o trabalho do psicólogo é muito importante para ajudar o atleta a encontrar a melhor forma de chegar ao auge na forma mental que é pra mim o grande diferencial de cada atleta. O trabalho da psicologia ajuda o atleta a se encontrar dentro dele, a saber controlar mais, ele se conhecer melhor, o que que pra ele ajuda, se é ficar mais focado, ou se conversar ou achar outras maneiras de se concentrar. Então eu acho assim que é uma fase que a pessoa está se conhecendo e o trabalho do psicólogo vem pra ajudar a moldar a pessoa. A parte do psicológico é muito importante, porque com a ajuda do psicólogo você consegue ter mais tranquilidade na hora de algum momento que você esteja passando, tanto da prova, como da competição ou em alguma fase do treinamento que você não esteja bem. É fazer com que você enxergue que você é capaz, que você tem potencial. O trabalho psicológico sempre vai tentar te levar a melhor performance mental possível. Eu acho que é uma coisa assim que é essencial na vida do atleta, que pode ajudar

bastante a pessoa fortalecer a mente e o corpo, acho que ajuda na performance na água.”

**B. O trabalho da psicologia é uma fonte de apoio.**

“Eu acho bem importante porque é um apoio. Eu já fiz uma época. Eu tinha muita dificuldade em competição, eu tinha medo de nadar provas grandes e é o que atualmente eu nado. E aí ela conversou comigo, fez uns cinco meses de acompanhamento e a minha evolução foi muito boa, eu comecei a obter bastante resultado e isso me ajuda bastante. Então pra essa transição, acho que é muito importante ter, acho que só o pai e a mãe não ajuda não. Tem que ter alguém pra te ajudar, pra te apoiar, a pessoa que conhece isso, ela sabe os nossos momentos bons, sabe os nossos treinos como é. A gente tem que ter um diálogo com alguém, porque muitas das vezes não tem com quem conversar, buscar ajuda. Aí tem medo de falar com o técnico porque pode tomar uma bronca, com a mãe é mesma coisa, mas eu acho que é importante pra caramba ter um psicólogo. O atleta pode desabafar, pode falar o que ele pensa sem critica. As vezes o que que ele deve tá pensando, um técnico ou um atleta, um colega de treino, ele não vai poder ajudar como um psicólogo poderia. E eu acho que essa é uma das piores fases de uma pessoa tipo, um adolescente tá começando a ter essa transição e eu acho que o psicólogo entra nesta fase mental mesmo para saber lidar com seus problemas e resolver. É uma fase em que o atleta está totalmente perdido. É que nesta fase a gente passa por muitas mudanças, escolhas, acho que na vida. O psicólogo ajuda a lidar com as frustrações da vida e do esporte. E com a psicologia em si, pode ajudar a desenvolver um pouco o que ele quer durante o treino, que que ele tá pensando, a forma como deve reagir. Ainda mais que a natação tem muitos altos e baixos. E isso mexe muito com a cabeça de um atleta, aí ter sempre alguém ali pra estar conversando com você, ter uma pessoa que sabe bem sobre isso. Principalmente na transição para a fase adulta né, não só no esporte. Acho muito importante pra competir e até pra vida.”

**C. O trabalho da psicologia auxilia nas tomadas de decisão.**

“Eu nunca passei com psicólogo, eu comecei a passar esse ano e ela não é do esporte. Eu não conheço muito bem o trabalho de um psicólogo do esporte o que ele faz exatamente, mas eu acredito que seja um negócio muito importante. Principalmente o ano passado que teve essa transição de cidade tal, eu sofri muito sabe? Esse ano consegui pagar uma sem ser do esporte, mas eu acho que é muito importante cê ter alguém ali acompanhando sua rotina, te orientando, te ajudando a fazer as decisões, que nesta fase também é cheia de decisões assim.

Acho que é uma das partes mais importantes porque se é uma fase de transição, sem apoio, você fica meio desorientado. Acho que acaba sendo uma fase muito decisiva e que surgem muitos questionamentos, as vezes a gente pode até acabar se perdendo nisso. E acho que eles ajudam muito nesta questão de guiar assim, pra não desistir, levar você a pensar realmente o que você quer da sua vida ou saber o que você vai fazer daqui pra frente.”

**D. Confia no psicólogo para compartilhar coisas que não conta para outras pessoas.**

"Pra mim foi muito importante sabe? Ajuda a gente, que a gente se estressa demais. Eu fico longe da minha família, eu preciso de um psicólogo pra falar tudo. Porque mesmo que eu tenha uma grande amizade com o técnico, não dá, eu não tenho intimidade pra falar com ele como eu teria com um psicólogo, principalmente que é do esporte que entende o meu dia a dia. O trabalho da psicologia ajuda o atleta a se encontrar dentro dele. Então, aí você pode falar coisas, ajudar com as coisas externas de uma forma assim que não pode as vezes falar com uma outra pessoa."

## 4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

---

### 4.1 Adaptações e expectativas inerentes à categoria Júnior

Analisando as respostas dos entrevistados e a frequência dos agrupamentos de sentido que revelaram o discurso do sujeito coletivo, é possível considerar que quase a metade os entrevistados consideram esta fase de transição como difícil ou complicada. Os fatores que influenciam a percepção dos atletas variam. Dentre eles, estão o aumento da carga de treino, o fato de iniciar em competições de caráter absoluto com o ingresso próximo na categoria Sênior, a dificuldade em conciliar a vida acadêmica com a vida esportiva e, para alguns, a mudança de cidade ou de casa.

ALFERMANN e STAMBULOVA (2007) analisam as transições na carreira esportiva em dois grupos, classificados como transições normativas e não normativas. No primeiro tipo de transição, o percurso do atleta é mais previsível e, por isso, é possível se preparar antecipadamente aos eventos. No caso da transição não normativa, o atleta tem que lidar com aspectos de imprevisibilidade, para os quais não havia se organizado para enfrentar e, por isso, se torna mais difícil. Em diversos relatos fica evidente a necessidade, dos entrevistados, em ter uma estrutura ambiental que os auxilie enquanto estão na categoria Júnior, pois é uma fase de mudanças, tanto no esporte como na vida pessoal. As cobranças por resultados são intensificadas e as tomadas de decisão, em relação à carreira, ganham um peso maior.

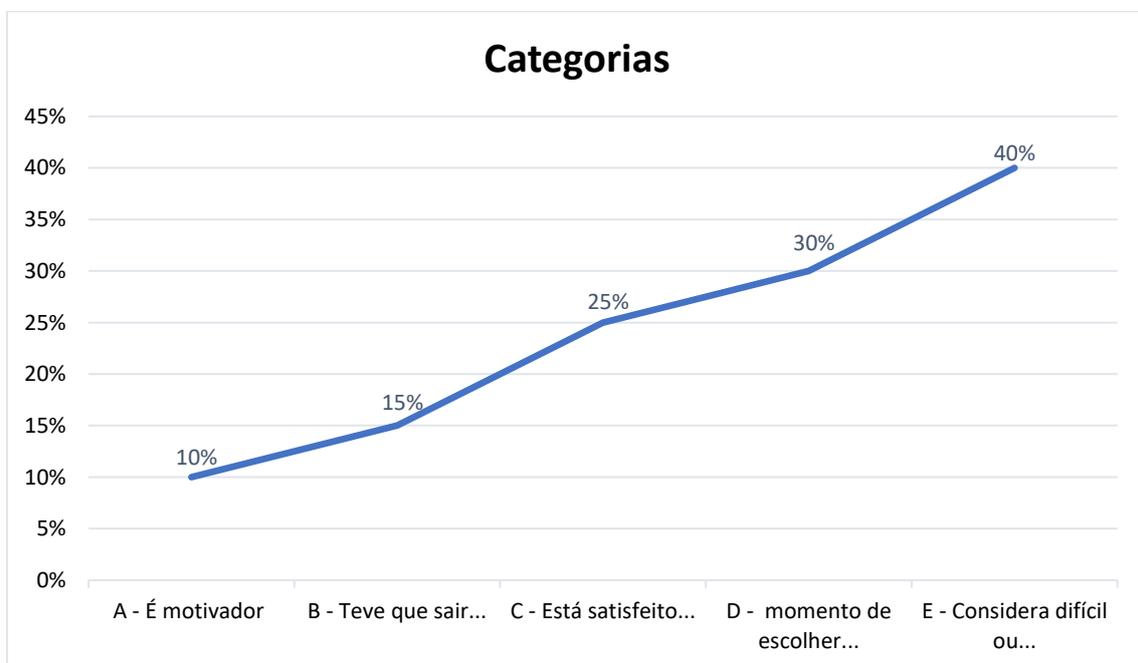
Nota-se que duas grandes áreas da vida do atleta passam a demandar maior investimento durante este período e muitos se sentem sobrecarregados. O aumento de treino faz com que tenham resultados melhores, gerando satisfação, porém, apontam sentir dificuldade no processo de transição.

GOMES e DOMINGUES (2016) consideram que a adaptação à transição depende da percepção do atleta em relação às demandas do ambiente e de seus recursos internos para lidar com elas. Desta forma, a realidade pode ser encarada

como ameaçadora e hostil ou como desafiadora e benéfica. É interessante notar que os discursos coletados revelam opiniões diversas sobre esta fase de transição: alguns entrevistados consideram que estão satisfeitos com seu processo e se sentem motivados, outros ressaltam as dificuldades de adaptação.

#### 4.2 Discussão sobre as categorias apontadas - Questão 1

As experiências pessoais no processo de transição da categoria Júnior para a Sênior foram variadas e puderam despertar a consciência para a realidade e inúmeros sentimentos, tais como apontaram as categorias do Discurso do Sujeito Coletivo: sentir-se motivado e satisfeito com o processo, deparar-se com os desafios de morar sozinho, sentir-se cobrado para definir a carreira profissional, e enfrentar as dificuldades para conciliar demandas da vida esportiva com a vida pessoal. A Figura 1 indica as categorias encontradas nos discursos dos sujeitos e suas respectivas porcentagens.



**Figura 1: Percentagem das categorias no Discurso do Sujeito Coletivo.**

Os discursos apresentados também transpareceram representações sociais constantes, analisadas nas cinco categorias a seguir:

- *É motivador*

Na natação, a categoria Júnior é dividida em dois períodos: Júnior 1 e Júnior 2. Cada período tem a duração de um ano, respectivamente. Os atletas do Júnior 1 estão no início do processo de transição e, por isso, treinar e competir com atletas do Sênior é uma novidade.

Uma pequena porcentagem dos atletas relatou se sentir motivado por participar de competições absolutas e por estar mais próximo dos atletas que já são da categoria Sênior. Nos discursos de 10% dos entrevistados, nota-se que a motivação é advinda da busca por resultados e, desta forma, possivelmente o desempenho dos atletas mais velhos são, para eles, uma referência para o estabelecimento de metas no desempenho pessoal: *“eu vou estar competindo com atletas absolutos e isso vai me motivar mais a tentar igualar os tempos com quem já é categoria absoluta”* (cf. sujeito 17).

Knijnik e colaboradores discutem a formação do atleta segundo o modelo de “Treinamento Esportivo de Longo Prazo” e sugerem que a valorização por resultados deve ocorrer no final do processo de formação (KNIJNIK *et al.*, 2008). Os atletas que se encontram nas categorias Júnior e Sênior passam a ter mais responsabilidade pela apresentação de resultados, por isso se preocupam mais e ressaltam este aspecto em seus relatos. BARROS (2008) revela que o estilo de vida do atleta fica mais subordinado ao esporte nesta fase de transição, pois a cobrança se torna maior.

- *Teve que sair da casa dos pais*

Alguns entrevistados trouxeram, em seus relatos, o fato de estarem morando sozinhos. É comum que atletas desta faixa etária, que apresentam resultados significativos, sejam transferidos de cidade para treinar em clubes maiores ou que tenham melhores condições de treino. Em outras situações, pelo fato de treinarem em dois períodos diariamente, algumas famílias optam por oferecer ao atleta uma

moradia que seja próxima ao clube, a fim de otimizar o rendimento de seu dia e evitar desgastes.

Entre os discursos coletados, 15% apontaram o fato de estar morando sozinho. Porém, a percepção dos entrevistados, quanto a este aspecto, é bastante diversa. Houve quem ressaltasse a dificuldade: *“Essa transição foi muito complicada pra mim porque é totalmente diferente da vida que eu tinha antes. Porque agora veio muita independência, que eu moro só. Então, ficar sem os pais, dá aquele medinho.”* (cf. sujeito 20). Houve quem ressaltasse a satisfação e evolução por estar vencendo os obstáculos sem o apoio direto dos pais: *“Até agora tá sendo muito boa porque eu tô evoluindo muito o meu treinamento na água, fora da piscina e muito na vida, porque eu moro sozinho. Eu tenho bem mais responsabilidade agora, como é mais treino e estudo a noite, aí eu senti que eu tô evoluindo.”* (cf. sujeito 09).

Na literatura, FARTO (2010) discute a importância do contexto adequado para o desenvolvimento dos atletas. O autor resalta condições específicas que são necessárias para a garantia de um ambiente vital e de treinamento, ou seja, acesso a uma boa alimentação, à moradia, um bom treinamento e que seja estruturado por profissionais qualificados. É muito importante avaliar qual o sentido que os atletas atribuem para a saída da casa dos pais. Caso a percepção desta realidade seja encarada com dificuldade, esforço ou desgaste, por mais que o atleta tenha à sua volta uma estrutura de moradia e acesso, se não tiver recursos internos para lidar com o aumento de responsabilidade, isso poderá ser um fator de grande influência em seu desempenho esportivo, trazendo prejuízos ao atleta, como queda de rendimento, entre outros.

- *Está satisfeito com o processo*

A satisfação com o processo de transição foi apontada por 25% dos entrevistados. Os relatos trazem o sentimento de satisfação por considerarem que estão adaptados à rotina da categoria Júnior e por perceberem que estão evoluindo. Na literatura se discute que o sucesso na transição de carreira está associado à forma como o atleta irá conduzir as resoluções de conflitos e quais recursos ele irá lançar mão para lidar com as demandas externas (ALFERMANN e STAMBULOVA, 2007; GOMES e DOMINGUES, 2016).

ALFERMANN e STAMBULOVA (2007) explicam o processo de transição através da interação de quatro fatores: a situação que o atleta está vivenciando, as peculiaridades do indivíduo, seu suporte social e suas estratégias. Faz-se importante retomar os conceitos das classificações de transições normativas e não normativas. Na transição normativa o atleta consegue se antecipar aos eventos e, por isso, passa pelo processo de forma mais tranquila. Estes dados da literatura coincidem com o discurso dos atletas satisfeitos com seu processo. O discurso a seguir revela alguém que já está se preparando desde o juvenil para esta fase de transição e, por isso, considera que seu processo está dentro da normalidade: *“Pra mim tá sendo bem normal. Porque desde o ano passado eu tenho pensado nisso e pensado no que eu quero fazer da escola e da nataçãõ. Entãõ eu já tenho um planejamento pro ano que vem e pro próximo ano.”* (cf. sujeito 13).

- *Momento de escolher a carreira*

No discurso de 30% dos entrevistados ficou evidente a preocupação que muitos atletas apresentam nesta fase de transição em relação à escolha da carreira profissional. As cobranças passam a serem maiores, tanto em relação à vida acadêmica quanto na vida esportiva e, devido a isso, muitos se sentem pressionados a escolher um caminho ou outro por sentirem que não conseguirão conciliar as duas áreas: *“Tem que começar a decidir o futuro né, carreira, o que quer fazer da vida, se vai realmente querer seguir na nataçãõ, porque eu não posso fazer duas coisas perfeitas ou eu estudo ou eu treino bem, é meio que complicado.”* (cf. sujeito 11).

BARROS (2008) ressalta os aspectos referentes à profissionalização na carreira esportiva e considera esta etapa como o auge de um atleta, porque seu estilo de vida fica mais subordinado ao esporte e a responsabilidade pelo rendimento em treinos e resultados também aumenta. BLOOM (1985) também aponta maior cobrança dos técnicos em relação ao desempenho dos atletas nesta fase de transição. Este contexto, evidenciado na literatura, se faz presente nos discursos dos entrevistados, pois revelam o conflito da escolha entre a carreira acadêmica e a esportiva como fator de sobrecarga emocional.

- *Considera difícil ou complicado*

Outros aspectos presentes nos relatos referiram-se às dificuldades enfrentadas nesta fase de transição, tal como apontaram 40% dos entrevistados. As dificuldades estão vinculadas a diversos fatores que, somados, fazem com que o atleta perceba a transição como difícil e complicada.

A literatura abarca estudos que abordam o processo de desenvolvimento de atletas no Brasil (MENDONÇA *et al.*, 2007; MASSA *et al.*, 2010; MASSA *et al.*, 2014; PACHARONI e MASSA, 2015). Estes estudos ressaltam a influência dos fatores ambientais e sociais na evolução do desempenho esportivo e também a importância de perceber a forma como o atleta se relaciona com o esporte. No caso dos sujeitos entrevistados, houve grande enfoque na conciliação entre vida acadêmica e vida esportiva. Muitos consideram esta fase como um período de escolha, pois não enxergam a possibilidade de manter a carreira esportiva e iniciar uma graduação, simultaneamente: *“É a transição mais complicada que eu tive desde o início porque eu terminei a escola e entrei na faculdade. Faculdade é um negócio bem mais sério e também começa a aparecer mais responsabilidades, você começa a ter uma visão mais ampla de como funciona o mundo e tudo aí você começa a pensar se é isso mesmo que você quer se isso pode ter dar um futuro legal, melhor, e se já não tá na hora de parar”* (cf. sujeito 08).

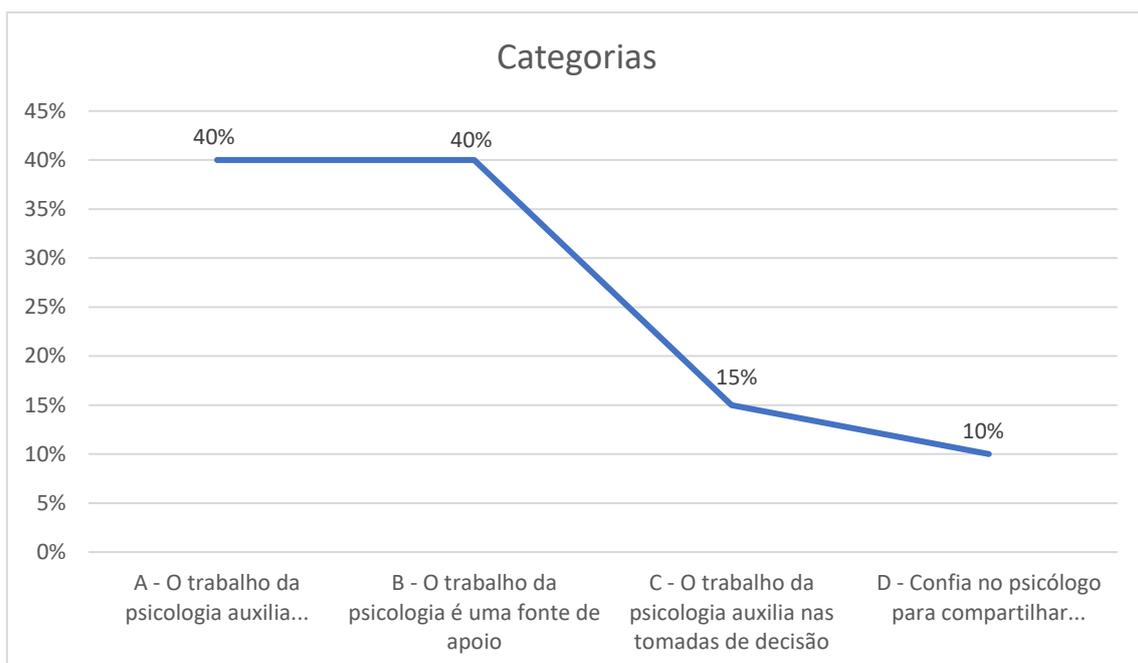
Outro fator de destaque nos discursos apresentados foi a questão do aumento na carga de treino para os atletas que são do Júnior 1, em relação à categoria anterior, Juvenil. Alguns atletas ressaltaram a dificuldade de adaptação à nova rotina de treino: *“Essa transição é muito difícil porque muda muito os treinos. E se você não tem cabeça, não tem um suporte todo, acaba afetando muito”* (cf. sujeito 02).

O aumento da responsabilidade e cobrança por resultados, nesta fase da carreira esportiva, foi apontado, por parte dos entrevistados, como um fator de dificuldade: *“É meio que difícil sabe porque no juvenil você tem muito mais oportunidade de pegar seleções, quando você passa a ser júnior, tem poucas opções assim, é tudo já mais adulto, mais absoluto, entendeu? Competindo com pessoas maiores que você. Então, essa transição foi bem complicada.”* (cf. sujeito 03). Este aspecto também foi ressaltado na literatura por Vanden Auweele e

colaboradores, quando discutem a transição dos atletas da categoria Júnior para Sênior e descrevem, em seu estudo longitudinal, que muitos atletas de elite não conseguiram fazer uma transição bem-sucedida (VANDEN *et al.*, 2004).

#### 4.3 Discussão sobre as categorias apontadas - Questão 2

As opiniões dos entrevistados, sobre o trabalho de um psicólogo do esporte com atletas que estão no período de transição da categoria Júnior para Sênior, foram homogêneas. Não houve queixa ao trabalho do profissional e, de diversas maneiras, apontaram o papel do psicólogo como benéfico. Sendo assim, as categorias levantadas para esta questão são baseadas nos pontos comuns mais específicos e relevantes trazidos pelos atletas, a fim de aprofundar os esclarecimentos sobre esta questão e guiar os próximos estudos que envolvam a mesma população. As categorias levantadas e suas respectivas porcentagens estão indicadas na Figura 2. São elas: “o trabalho da psicologia auxilia no desenvolvimento pessoal e no esporte”, “o trabalho da psicologia é uma fonte de apoio”, “o trabalho da psicologia auxilia nas tomadas de decisão” e “confia no psicólogo para compartilhar coisas que não conta para outras pessoas”.



**Figura 2: Percentagem das categorias no Discurso do Sujeito Coletivo.**

Neste contexto, a discussão foi realizada sem comentários específicos para cada categoria, já que a literatura referida não oferece dados detalhados e aprofundados sobre a atuação do psicólogo com nadadores nesta fase de transição.

ALFERMANN e STAMBULOVA (2007) discutem modelos de transição de carreira e ressaltam a importância do trabalho dos psicólogos com atletas que estejam na transição do Júnior para o Sênior. Os programas de intervenção com esta população podem auxiliar na prevenção de crises, como também no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento ou mesmo para o atleta desenvolver habilidades para lidar com as consequências negativas do processo de transição. No presente estudo, os relatos dos entrevistados indicam que eles valorizam o trabalho da psicologia do esporte: *“o psicólogo ajuda a lidar com as frustrações da vida assim e do esporte também”* (cf. sujeito 12). Porém, os nadadores entrevistados não tem acesso a nenhum programa de intervenção que seja voltado para a transição da categoria Júnior para a Sênior.

Os discursos obtidos com a primeira questão deste estudo - “Como é para você viver a transição do Júnior para o Sênior?” - revelam que existe uma demanda específica dos nadadores que estão nesta fase de transição, pois muitos relatam dificuldades para lidar com o aumento na carga de treino, o aumento de cobrança e responsabilidade pela obtenção de resultados e também o fato de alguns saírem da casa dos pais para priorizar o esporte, além da dificuldade em conciliar a vida acadêmica com a natação. Estes fatores são aspectos inerentes a esta fase de transição e podem ser trabalhados através do acompanhamento psicológico.

No Brasil, não há programas de intervenção voltados para este público, STAMBULOVA (2010) faz uma proposta de trabalho com atletas que estão nesta fase, que visa o planejamento de carreira em cinco passos. Através deste programa de intervenção, o atleta pode desenvolver estratégias de enfrentamento e modular suas expectativas em relação à sua carreira esportiva.

Seria de grande valia o desenvolvimento de algum protocolo de intervenção que possa ser aplicado para trabalhar as demandas específicas dos atletas brasileiros que estejam nesta fase de transição.

## 5. CONCLUSÕES

---

Em consonância com os objetivos propostos e considerando as justificativas e delimitações desta pesquisa, conclui-se que:

- O instrumento utilizado, denominado Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), tornou-se um modelo de investigação eficiente na obtenção dos depoimentos de jovens nadadores a respeito dos sentidos atribuídos sobre o período de transição da categoria Júnior para Sênior e o trabalho do psicólogo do esporte, assim como na sua categorização em ideias centrais, ancoragens e correspondentes expressões-chave.

- As categorias discursivas estruturadas pelos discursos dos atletas entrevistados se tornaram um esquema conceitual, referencial e operacional capaz de caracterizar as demandas existentes na fase de transição da categoria Júnior para Sênior na natação de alto rendimento.

- Foram encontradas evidências nos discursos dos atletas de que é difícil ou complicado passar por esta transição. A percepção de dificuldade frente à realidade é gerada por conflitos advindos da tentativa em administrar as demandas deste período.

- Constatou-se também, por parte dos entrevistados, representações sociais de satisfação com o processo de transição, associada ao sentimento de evolução e aspectos motivacionais.

- Os discursos dos atletas sugeriram que indivíduos que estão nesta fase de transição percebem como positivo e valorizam o trabalho psicológico. As representações sociais identificadas relevam que os entrevistados percebem o trabalho como fonte de apoio e a figura do psicólogo como alguém de confiança.

- Frente às representações sociais de dificuldade no período de transição encontradas nos discursos dos atletas, sugere-se a implementação de protocolos de intervenção para trabalhar tais demandas, a fim de que os atletas desenvolvam habilidades de enfrentamento e resiliência. Consequentemente, possivelmente mais atletas permanecerão com a carreira esportiva.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

ALFERMANN, D.; STAMBULOVA, N. Career transitions and career termination. *In*: TENENBAUM, G.; EKLUND, R. C. **Handbook of sport psychology**. Hoboken: John Wiley & Sons, p. 712-733, 2007.

ARENA, S. S.; BÖHME, M. T. S. Programa de iniciação esportiva na Grande São Paulo. **Revista Paulista de Educação Física**. v. 14, n. 2, p. 95-184, 2000.

BARROS, K. S. de. Recortes da transição na carreira esportiva. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 2, n. 1, p. 01-27, 2008.

BERGER, P. B.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: Tratado sobre a sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

BERTALANFFY, L. V. **Teoria Geral dos sistemas**. 3.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

BLOOM B. S. **Developing talent in young people**. New York: Ballentine, 1985.

BÖHME, M.T.S. O talento esportivo e o processo de treinamento a longo prazo. *In*: DE ROSE JUNIOR, D. (Org.). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, p.109-122. 2002.

BRANDÃO, M. R. F.; AKEL, M. C.; ANDRADE, S. A.; GUISELINI, M. A. N.; MARTINI, L. A.; NASTÁS, M. A. Causas e consequências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. v. 8, n. 1, p. 49-58, 2000.

CBDA - Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos. **Natação 2017**. Disponível em: < <https://www.cbda.org.br/cbda/natacao/boletins/9236/anos-categoria-idades->>. Acesso em 2019.

CÔTÉ, J. The Influence of the family in the development of talent in sport. **The Sports Psychologist**, v. 13, n. 4, p. 395-417, 1999.

CÔTÉ, J. The Influence of the family in the developmental of talent in sport. **The Sports Psychologist**, v. 13, n. 4, p. 395-417, 1999.

COZAC, J. R. L. **Fatores de ativação mental e emocional no comportamento e desempenho de tenistas juvenis sob a perspectiva do discurso do sujeito coletivo**. 125 f. Tese (Doutorado em Pedagogia do Movimento Humano). Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

DARIDO, S. C.; FARINHA, F. K. Especialização precoce na natação e seus efeitos na idade adulta. **Revista Motriz**, v. 1, n. 1, p. 59-70, 1995.

FARTO, E. R. **Treinamento da natação competitiva. Uma abordagem metodológica.** São Paulo: Phorte, 2010.

FECHIO, J. J.; CICHOWICZ, F. D. A.; CASTRO, N. M.; ALVES, H. Especialização esportiva precoce: uma revisão. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 17, n. 169, 2012.

FERREIRA, R. M.; MORAES, L. C. Influência da família na primeira fase de desenvolvimento da carreira de nadadores medalhistas olímpicos brasileiros. **Revista Motricidade**, v. 8, n. 2, p. 42-51, 2012.

FERREIRA, R. M.; PENNA, E. M.; COSTA, V. T.; MORAES, L. C. C. A. Nadadores medalhistas olímpicos: contexto do desenvolvimento brasileiro. **Motriz**, v. 18, n.1, p.130-142, 2012.

FERREIRA JÚNIOR, N. S. **A transição de carreira dos bicampeões mundiais de basquetebol: uma análise com base em narrativas biográficas.** 124 f. Dissertação (Mestrado em Pedagogia do Movimento Humano). Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

FOLLE, A.; NASCIMENTO, J. V.; GRAÇA, A. B. S. Processo de Formação Esportiva: da identificação ao desenvolvimento de talentos esportivos. **Revista de Educação Física**, v. 26, n. 2, p. 317-329, 2015.

GASPARIAN, M. C. C. A psicopedagogia institucional sistêmica. *In*: Polity, E. (Org.) **Psicopedagogia: um enfoque sistêmico.** São Paulo: Editora Vetor, p. 21-77, 2004.

GOMES, R.; DOMINGUES, M. Transição dos atletas na carreira desportiva: da teoria à avaliação. **Motricidade**, v. 12, n. 1, p. 159-173, 2016.

HELLSTEDT, J. C. The coach/parent/athlete relationship. **The Sport Psychologist**, v. 1 n. 2, p.151-60, 1987.

JODELET, D. **Representações sociais: um domínio em expansão.** Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

KNIJNIK, J.D.; MASSA, M.; FERRETTI, M. A. C. Direitos Humanos e Especialização Esportiva Precoce: Considerações Metodológicas e Filosóficas. *In*: Machado, A. A. (Org.) **Especialização Esportiva Precoce: Perspectivas atuais da Psicologia do Esporte.** Jundiaí: Fontoura, p. 109-128, 2008.

LANE, S. T. M. Usos e abusos do conceito de representação social. *In*: Spink, M. J. P. (Org.) **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social.** São Paulo: Editora Brasiliense, p. 58-71, 1993.

LEFEVRE, F. **O Discurso do Sujeito Coletivo. Nossos modos de pensar nosso eu coletivo.** São Paulo: Editora Andreoli, 2017.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. **O Discurso do Sujeito Coletivo.** Caxias do Sul. Editora Educ, 2005.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. **Pesquisa de Representação Social: Um enfoque qualiquantitativo**. Brasília: Editora Liberlivro, 2012.

LIMA, E. M. R.; GROSS, M.; OLIVEIRA, V.; ISLER, G. L.; MACHADO, A. A. Intervenção psicológica junto aos pais: um estudo da psicologia do esporte no futebol e no basquete. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 12, n. 3, p. 101-108, 2013.

MARKOVÁ, I. **Dialogicidade e Representações Sociais: As dinâmicas da mente**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

MARKUNAS, M. Psicologia do esporte no desenvolvimento do papel profissional de atleta. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 1, n. 1, p. 01-13, 2007.

MARKUNAS, M. Quando a lesão leva à transição? *In*: RUBIO, K. (Org.). **Destreinamento e transição de carreira no esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 173-197, 2012.

MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n. 2, p.103-119, 2009.

MASSA, M.; UEZU, R.; BÖHME, M. T. S. Judocas olímpicos brasileiros: fatores de apoio psicossocial para o desenvolvimento do talento esportivo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 24, n. 4, p. 471-81, 2010.

MASSA, M.; UEZU, R.; PACHARONI, R.; BÖHME, M. T. S. Iniciação esportiva, tempo de prática e desenvolvimento de judocas olímpicos brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 2, p. 383-395, 2014.

MEIRA, T. de B.; BASTOS, F. da C.; BÖHME, M. T. S. Análise da estrutura e organização esportiva da natação no Estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 29, n. 4, p. 583-600, 2015.

MENDONÇA, M. T.; HONDA, R.; MASSA, M.; UEZU, R. Formação e desenvolvimento de talentos esportivos no handebol masculino. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 6, n. 1, p. 125-135, 2007.

MORAES, L. C.; RABELO, A. S.; SALMELA, J. H. Papel dos Pais no Desenvolvimento de Jovens Futebolistas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 17, n. 2, p. 211-222, 2004.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 3.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

OLIVEIRA, R. **O papel da levantadora nas equipes de voleibol: um estudo da representação social das características dessa atleta nas opiniões dos técnicos e atletas**. 105 f. Dissertação (Mestrado em Pedagogia do Movimento Humano). Escola de Educação Física e Esportes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

OLIVEIRA, G. S.; ARAÚJO Jr., I. P., ANDRIES Jr., O.; BARTHOLOMEU NETO, J.; CIELO, F. L. A relação entre a especialização precoce e o abandono prematuro da natação. **Movimento e Percepção**, v. 8, n. 11, p. 307-322, 2007.

PACHARONI, R.; MASSA, M. Processo de formação de tenistas talentosos. **Motriz**, v.18, n. 2, p. 253-261, 2012.

PACHARONI, R.; MASSA, M. Fatores determinantes para a formação de tenistas. **Revista Biomotriz**, v. 9, n. 01, p. 112-125, 2015.

PARRA, S. A. **Treinamento a longo prazo de nadadores**. 185 f. Tese (Doutorado em Esporte). Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

PERES, L.; LOVISOLO, H. Formação esportiva: Teoria e visões do atleta de elite no Brasil. **Revista da Educação Física**, v. 17, n. 2, p. 211-218, 2006.

PLATONOV, V. N. **Treinamento desportivo para nadadores de alto nível: Manual para os técnicos do século XXI**. São Paulo: Phorte, 2005.

REIS, C. P.; FERREIRA; M. C. C.; MORAES, L. C. C. de A. O apoio dos pais ao desenvolvimento da carreira de atletas masculinos de basquetebol. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 2, p. 149-155, 2016.

SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

SALMELA, J. H. Phases and transitions across sports career. *In*: Hackfort, D. (Ed.) **Psycho-social issues and interventions in elite sport**. Frankfurt, Alemanha: Lang, p. 11-28, 1994.

SILVA, P. V. C. **Fatores Familiares Associados ao Desenvolvimento do Talento no Esporte**. 153 f. Dissertação (estrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde), Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, 2009.

SILVA, P. V. C.; FLEITH, D. S. Atletas talentosos e o papel desempenhado por suas famílias. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 3, n. 4, p. 42-63, 2010.

SIMIONI, A. M. C. **O gerenciamento de recursos humanos em saúde como processo social**. 209 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

SIMÕES, A. C. A psicossociologia do vínculo esporte – adultos, crianças e adolescentes: análise das influências. *In*: Rose Jr., D. e colaboradores. **Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed Editora, p. 85-102, 2009.

SIMÕES, T. E. **O burnout no discurso do sujeito coletivo de religiosas de uma instituição eclesial católica de vida ativa**. 98 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SINCLAIR, D. A.; ORLICK, T. Positive transitions from high-performance sport. **The Sport Psychologist**, v. 7, n. 2, p. 138-156, 1993.

STAMBULOVA, N. Sociological: Sports career transitions. *In.*: BANGSBO, J.; SALTIN, B. (Eds.) **Proceedings of the second annual congress of the European College of Sport Sciences**, Copenhagen, Denmark: ECSS, p. 88-89, 1997.

STAMBULOVA, N. Symptoms of a crisis-transition: A grounded theory study. *In.*: HASSMEN, N. (Ed.) **SIPF Yearbook 2003**, Örebro, Sweden: Örebro University Press, p. 97-109, 2003.

STAMBULOVA, N. Counseling Athletes in Career Transitions: The Five-Step Career Planning Strategy. **Journal of Sport Psychology in Action**, v. 1, n. 2, p. 95-105, 2010.

STAMBULOVA, N.; FRANCK, A.; WEIBULL, F. Assessment of the transition from junior-to-senior sports in Swedish athletes. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, p. 1-17, 2012.

TANI, G. **Leituras em Educação Física: Retratos de uma jornada**. São Paulo: Phorte, 2011.

VANDEN AUWEELE, Y.; MARTELAER, K. de; RZEWNICKI, R.; KNOP, P. de; WYLLEMAN, P. Parents and coaches: A help or a harm? Affective outcome for children in sport. *In.*: Vanden Auweele, Y. (Ed.). **Ethics in youth sport**. Leuven, Bélgica: Lannoocampus, 2004.

VARGAS NETO, F. X. A iniciação e a especialização esportiva de crianças. *In.*: Becker Jr., B. (org.). **Psicologia aplicada à criança no esporte**. Novo Hamburgo: Feevale, p. 44-57, 2000.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento Sistêmico: O novo paradigma da ciência**. 9.ed. São Paulo: Papirus, 2012.

VIANNA JÚNIOR, N. S. **A Influência dos Pais no Desenvolvimento de Atletas Jovens no Tênis**. 124 f. Dissertação (Mestrado em Treinamento Esportivo). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2002.

WYLLEMAN, P.; LAVALLEE, D. A developmental perspective on transitions faced by athletes. *In.*: WEISS, M. (Ed.) **Developmental sport and exercise psychology: A lifespan perspective**. Morgantown: Fitness Information Technology, p. 507-527, 2004.

## APÊNDICE A: DISCURSOS DOS SUJEITOS NA ÍNTEGRA

---

- **Questão 1** – Como é para você viver a transição do Júnior para o Sênior?
- **Questão 2** - Qual a sua opinião sobre o trabalho de um psicólogo do esporte com atletas que estão nesta fase?

### Sujeito 1

- 1) É uma fase de adaptação porque você vem de uma categoria de base do juvenil que você treina uma vez por dia, no máximo duas vezes com o segundo treino curto e você estuda de manhã, daí aqui, principalmente neste clube, você passa a treinar duas vezes por dia, três vezes na semana e começa a estudar a noite que é mais puxado. No começo você fica bem mais desgastado e você aprende mais com os mais velhos porque antes você olhava pra eles como referência, hoje você tem treino com eles lado a lado. Mas a pior coisa é pra adaptar na escola no começo. No começo você começa a estudar a noite daí você dorme pouco, já treina de manhã descansa pra tarde. É um treino mais focado pra você descansar pra ter o melhor resultado nos dois treinos e mesmo assim, é... precisa... quando ele te oferece descanso.... chega de noite você não descansa quase nada por causa da escola. Daí é bem difícil no começo, mas depois que você acostuma vai levando numa boa.
- 2) Acho que é importante porque tem muita gente que ou demora pra se adaptar ou sente muita dificuldade no processo que daí pra aconselhar, pra não desanimar ou querer criar uma expectativa alta demais e tipo e ir passo a passo, é... que nem o treinador pede, que você vai indo de pouco em pouco, tem gente que espera muito de uma vez por causa que aumenta muito o treino e fala “nossa, vou melhorar muito”, só que daí não é bem assim, você vai indo gradativamente e acho que seria importante pra não deixar nem o cara ou desanimado demais ou muito... com expectativa muito alta no rendimento.

## Sujeito 2

- 1) É... essa transição é muito difícil porque muda muito os treinos. Na categoria anterior a gente treinava cinco dias da semana mais o sábado e uma vez e uma vez a gente dobrava, que é dois treinos no mesmo dia e agora pra esse ano, que mudou a categoria, são três dias que a gente dobra na semana. Então três, são três treinos a mais. E... se você não tem cabeça, não tem tipo um suporte todo, acaba afetando muito porque tem que ter cabeça forte, tem que entender as coisas não é de uma hora pra outra que você vai melhorar tudo, pelos treinos que a gente faz, é... eu tive um problema esse ano, no comecinho que... eu... geralmente eu treino bem e... eu comecei a treinar muito mal, ai começou a afetar minha cabeça e eu fiquei com um mês de diarreia e tipo... não, a gente não sabia o que era, não era virose, não era nada. Aí eu vim conversei com o médico, ele falou que como eu sou muito ansioso e eu sou tipo, eu sou muito mau humorado, então com esses dois acabou... ele falou o nome da doença mas eu não lembro, mas acabou acarretando e eu ficando um mês com diarreia. Aí eu acabei não competindo, fiquei pior porque... cabeça de atleta tem que tá boa né pra todos os momentos, pra treino, competição e... acabou me afetando muito e eu fiquei tipo esse mês aí meio conturbado, mas... tipo, tem que manter o foco não pode deixar abalar por nada porque é mais treino, é mais cobrança, porque agora a gente já tá no patamar mais profissional e... é isso.... tem que ter a cabeça no lugar porque senão a transição te abala muito né porque é mais treino. Que nem, o ano passado a gente treinava de tarde só e escola de manhã. Esse ano é treino de manha cedo, treino de tarde e escola de noite, aí a gente acaba dormindo pouco que nem eu, eu chego em casa umas onze e meia pra acordar cinco horas eu durmo meia noite, meia noite e vinte pra acordar cinco horas. Então, é foda essa parte. É muito difícil.
- 2) Então, acho que é muito importante porque eu já fiz uma época. Já fiz particular não no clube e... que eu tinha medo, tinha medo assim de nadar provas grandes e é o que atualmente eu nado, que eu me destaco bastante. E...eu fiquei, eu tinha medo de errar conta, de perder porque eu sou muito distraído, então, passa cinquenta metros eu já esqueci e aí eu acabava... acabando eu tinha esse medo. E aí ela conversou comigo fez, acho que fez

acho que uns cinco meses de acompanhamento e a minha evolução foi muito boa. Então tipo, pra esse, pra essa mudança, essa transição, acho que é muito importante ter, acho que só o pai e a mãe não ajuda não. Tem que ter alguém pra te ajudar, pra te apoiar, porque o pai e a mãe sabem o básico... fora as outras coisas que tem que... a pessoa que conhece isso, ela conhece tipo, ela sabe os nossos momentos bons, sabe os nossos treinos como é. Então acho que é bastante importante ter pra... pra entender mais a gente porque as vezes a gente fica com medo de falar com os pais, fica com.... com vergonha e não é assim né, a gente tem que ter um diálogo com alguém. Aí tem medo de falar com o técnico porque pode tomar uma bronca, com a mãe é mesma coisa, mas eu acho que é importante pra caramba ter um psicólogo, um cara que te ajude.

### **Sujeito 3**

- 1) Ah, tipo é meio que difícil sabe, para qualquer atleta assim, é, porque no júnior, é... no juvenil você tem muito mais oportunidade de pegar seleções, brasi... tipo competições de categoria mesmo, de idade. Quando você passa a ser júnior, tem tipo poucas opções assim, é tudo já mais adulto, mais, é... absoluto, entendeu? Competindo com pessoas maiores que você. Então, por um lado se, se deixar passar assim, ter uma cabeça ruim, por um lado é muito ruim sabe? Que nem tipo, eu tive um problema assim, tanto que ano passado passei com psicólogo, foi um ano bem difícil sabe? Tipo eu tava competindo em competições maiores assim, que iam os caras maiores. Então... essa transição foi bem... bem complicada assim. Mas agora tipo, meio que eu alcancei tipo o objetivo que eu queria, tipo chegar num nível adulto assim que agora é um nível mais profissional do júnior, que daqui a pouco você vira sênior e... ferrou tudo né. Não ferrou tudo né, tipo, a coisa fica mais séria ainda. É isso.
- 2) É importante, tipo, pra mim foi muito importante sabe? E... sei lá ajuda a gente, que a gente se estressa demais. Que nem, eu fico longe da minha família, eu fico tipo longe de todo mundo assim. E pô, as vezes eu... que nem, eu preciso de um psicólogo pra falar tudo assim né porque pô mesmo que eu tenha uma grande amizade com o técnico, não dá, eu não tenho tipo uma intimidade tão grande pra falar com ele como eu teria com um psicólogo,

principalmente que é do esporte que entende o meu dia a dia assim né. Então, é muito importante ter. Eu acho que... essas coisas assim...

#### **Sujeito 4**

- 1) Então, eu passei pelo juvenil pro júnior eu acho que foi muito bom pra mim, tipo eu cresci bastante, mesmo tendo sido mais difícil e tal. Ah e por enquanto eu to melhorando bastante na minha carreira, eu to evoluindo, então eu acho que vai ser de boa. Eu sei que a cobrança é maior, a gente tem que dar mais resultado tipo pra continuar no clube pra... conseguir coisas maiores né pra... pra nossa carreira. Eu acho que pesa um pouco mais a pressão né. Ainda mais com os pais, que depois a gente tem que viver a nossa vida sozinho mas... eu to confiante e acho que é isso.
- 2) Então, eu já passei com psicólogo, mas antes, quando era menor, porque eu tinha um problema tipo de confiança e tal e ainda mais com meus pais... Mas eles sempre me apoiaram muito e eu acho que tipo pra quem tem dificuldade, tem muita gente que tem né, não consegue ... ou tipo na hora da competição fica nervoso, não sei. Então acho que pode ajudar bastante tipo, a pessoa fortalecer a mente e o corpo acho que ajuda na performance na água.

#### **Sujeito 5**

- 1) Bom, é uma fase que assim, fica... pesa a parte da faculdade, de você estar chegando em uma idade que já tem que ter uma ideia do que você quer fazer, se você quer continuar com o esporte, se você quer focar na carreira de... numa, numa profissão alguma coisa ligada a isso. Tipo, tem dias você acorda que cê fala "mano, será que é isso que eu quero pra minha vida" porque não é fácil, todo dia. Então é... tem certos dias que pesa um pouquinho na cabeça essa parte do... do que escolher, então, não é tão fácil assim... Mas tem, que assim, tem dias que você sai de um treino bem, cê treinou bem, você fala, "meu, é isso daqui que eu quero!". Mas tem os dias de... que é sofrido, que é mais difícil, que aí você para pra pensar mesmo se, se vale pena, se é isso que você quer.
- 2) Olha, eu acho que é bem necessário assim... tanto que pra mim, eu já tive vontade de procurar pra passar. Não só pela fase, por ter a fase, mas tipo, período todo. Problema de chegar na hora da competição e travar... a cabeça não ajudar. E acho que nesta fase é ainda mais importante porque tem essa

questão da escolha, então acaba pesando ainda mais na cabeça. Principalmente em competição.

### **Sujeito 6**

- 1) Bom pra mim é... é uma fase bem importante na carreira de qualquer atleta de alto rendimento porque é uma fase assim que você já começa a brigar com o pessoal que já é sênior, o pessoal que já tá parando de nadar, outros que já são olímpicos e já tá há bastante tempo, então você nadar de igual para igual com eles, isso é uma fase muito importante né. É uma fase onde você começa a entrar nas seleções absolutas, renovar as seleções absolutas, carregar uma responsabilidade gostosa, tipo assim, que é de você representar o seu país é... em um pan-americano em um jogos olímpicos né. E... assim, você conseguir ir atrás de recordes é... que o pessoal, que as pessoas assim nunca conseguiram bater nesta década, então assim, é uma fase muito importante, onde você começa a se profissionalizar no esporte e você começa a ter os frutos de quando você era criança, começou a treinar né, então você tem muitas recompensas assim, você viaja bastante, você conhece pessoas novas. Então assim, é uma coisa muito boa e você tem o reconhecimento de você ser o espelho do pessoal que está começando. Então isso pra mim é... isso é uma coisa fantástica né você passar e os pequenininhos tão te olhando nadar ou vem conversar com você, ou você pode ir falar com eles e você lembra de quando você era daquela idade, de você falar assim “meu, tinha aquele pessoal nadando e agora eu sou um deles” né. Então é... o que eu falo “meu, eu to aqui na frente falando com vocês, mas eu também sou vocês que tão vendo, tão escutando o pessoal mais velho ainda” né, então pra mim isso é uma coisa fantástica. Eu acho que é uma coisa muito importante na carreira assim de qualquer atleta né, porque cada ano que passa vem mais responsabilidades né, outros objetivos eu acho assim que você quando é um pouco mais velho você tem um outro objetivo do que quando você era juvenil, infantil assim, então você tem uma outra visão do que é a natação. Eu acho que é isso.
- 2) Eu acho que é muito importante né, não só nesta fase mas em todas... é porque nesta fase assim, é onde as vezes muitas pessoas param de nadar. Né... então... e muitas começam a se questionar né, se é isso mesmo que

quer pra vida ou se deve parar pra ir estudar ou se deve continuar, até onde vai chegar, porque é uma coisa assim que a gente não sabe né o dia de amanhã, a gente não sabe se se lesiona ou... e acaba tudo ou vai dar tudo certo né. E assim, o trabalho do psicólogo é um trabalho muito importante para ajudar o atleta a encontrar assim... a melhor forma de chegar ao auge na forma mental que é pra mim assim é o grande diferencial de cada atleta assim, é o seu mental né e... você trabalhar, ajudar o atleta a conquistar eu acho que isso é muito prazeroso né. E o atleta ele tem que tá assim... alto rendimento é todo dia, toda hora, mesmo cansado... então o trabalho da psicologia ajuda o atleta a se encontrar dentro dele, a saber controlar mais é... a sua concentração, ele se conhecer melhor, o que que né... o que que pra ele ajuda, se é ficar mais focado, ou se conversar ou achar outras maneiras de se concentrar né, de focar se ele tem que ficar com música ou não. Então eu acho assim que é uma fase que a pessoa está se conhecendo e o trabalho do psicólogo, o psicólogo ele vem pra ajudar a moldar assim a pessoa né e ajudar ela a achar a melhor forma. Fazer algumas técnicas pra ela se concentrar ou pra ela ficar mais tranquila, até mais confiante né, além de ser assim, acho que a pessoa que conhece o seu paciente né. Então, aí você pode falar... coisas né, ajudar com as coisas externas né de uma forma assim que ele não pode as vezes falar com uma outra pessoa as vezes até um familiar, senão a família "meu, mas é isso mesmo que você quer?" ou outra coisa e a pessoa... o psicólogo não tem isso não "então vamos fazer isso, ó isso daqui, vamo tentar te aju... fazer com que isso te ajude" então assim também, eu acho que é uma coisa assim que é essencial na vida do atleta.

### **Sujeito 7**

- 1) Ammm ah é.... um pouco complicado digamos assim, porque quando eu virei júnior, passei pra júnior foi quando eu vim morar aqui né. Que eu não sou daqui de São Paulo, morava em outra cidade aí cê largar uma vida que cê tinha lá pra vir aqui pra treinar assim, é... um negócio totalmente diferente né, e aí tá vivendo essa fase é uma fase também de muita indecisão porque é bem nessa fase que acaba a escola, acaba as coisa então tem que decidir se você continua nadando, se você para porque você quer estudar que cê quer

entrar numa faculdade melhor, se você continua nadando e tenta uma bolsa pra uma faculdade, é tudo muito confuso digamos assim. É... ah, é mais ou menos isso acho que se fosse colocar tudo numa palavra seria "confuso". Mas é uma fase... é uma fase que pra mim é muito boa porque é... principalmente nesta fase, onde cê mais melhora, tem mais melhora de tempo. Porque é a fase que cê começa a treinar mais, cê tinha o tempo mais alto no juvenil, cê deslança. E aí quando cê chegar neste tempo, muitas vezes quando você chega no sênior tem muitos casos de pessoal que demora cinco anos, dez anos pra baixar ou até nunca baixa. Então eu acredito que também seja uma fase muito boa neste quesito de baixar tempo.

- 2) Eu nunca passei com psicólogo, eu comecei a passar esse ano e ela não é do esporte a que eu passo, ela é normal né. Eu não conheço muito bem o trabalho de um psicólogo do esporte o que ele faz exatamente, mas eu acredito que seja um negócio muito importante porque... principalmente o ano passado que teve essa transição de cidade tal, eu sofri muito sabe? Se adaptar a escola nova, conhecer pessoa nova, tem os horários loucos do treino, hora de comer sabe? Então eu sofri muito e... nunca fui muito bem de dinheiro, então nunca tive dinheiro pra pagar um psicólogo assim tal. Esse ano foi, tá um pouquinho melhor, que consegui pagar uma sem ser do esporte mas eu acho que é muito importante cê ter alguém ali acompanhando seu... sua rotina, seu dia a dia, te orientando, te ajudando a fazer as decisões que nesta fase também é cheia de decisões assim... digamos impossível, tipo, eu paro de nadar pra estudar ou eu continuo nadando porque é isso que eu quero? Então eu acho que é muito importante ter alguém ali pra te apoiar, te ajudar a tomar esse tipo de decisão.

### **Sujeito 8**

- 1) Então, é a transição mais complicada que eu tive desde o início né... de quando eu treinava porque... eu terminei a escola e entrei na faculdade. Faculdade é um negócio bem mais sério né, não é tão brincadeira que nem a escola e também começa a aparecer mais responsabilidades com a faculdade e não só isso coma idade né, você começa a ter uma visão mais ampla de como funciona o mundo e tudo aí você começa a pensar se é isso

mesmo que você quer se isso pode ter dar um futuro legal, melhor, e se já não tá na hora de parar. É bem complicadinho.

- 2) Eu acho bem importante. Porque é um apoio né, e ele pode te... as vezes você está vendo só um caminho e ele pode te mostrar outros, tipo, uma, uma visão melhor, ou como você pode... é... solucionar mais problemas que você tá tendo, sejam eles quais forem, entendeu? Então é bem importante.

### **Sujeito 9**

- 1) Então, é uma transição tipo... até agora tá sendo muito boa porque eu to evoluindo muito é... o meu treinamento na água, fora da piscina e tipo muito na vida assim, porque como eu moro sozinho. Quer dizer, sem meus pais, é... eu tenho bem mais responsabilidade agora, como é mais treino e estudo a noite, aí eu senti que eu to evoluindo bastante assim, não só no esporte mas também na vida. É isso.
- 2) Eu acho muito importante, porque, é...falando de mim, há um tempo atrás eu tinha muita dificuldade em por exemplo, em competição, é tipo, eu treinava muito bem só que minha cabeça não ia eu tinha bastante medo assim de competir. Aí eu comecei a fazer um trabalho com psicólogo, com pessoas assim mais próximas a mim, aí eu comecei a obter bastante resultado e tipo, isso me ajuda bastante. E agora eu sei que tipo, isso que eu falo sempre, você pode ter... ser a pessoa mais... tipo cem por cento treinada mas se sua cabeça não tiver boa mil e cinquenta por cento, você não vai obter nenhum resultado e é isso. Acho muito importante pra competir e até pra vida assim.

### **Sujeito 10**

- 1) É... calma que eu to, eu to nervoso. É... é bastante... eu to gostando bastante. Tá sendo muito boa pra mim, ainda mais nessa fase agora. É... eu to conseguindo me... como é, me adequar bem a situação, ao tipo de treino, a intensidade do treino, ao volume do treino. Muda bastante por exemplo, quando eu era do juvenil, júnior 1 e também dos certos tipos de treinadores que eu tive. É... hoje eu poderia falar que o meu melhor momento vivido foi em 2016 quando eu era júnior 1 é... mas eu consegui, eu tava conseguindo treinar bastante, muito bem e eu agora, 2017 eu não consegui, mas agora neste exato momento eu to conseguindo muito bem retomar com o treino muito intenso, é... os “a cada” são... são bem cronometrados, é...as vezes

são muito apertados os “a cadas” e a intensidade é muito grande, você tem que ter um alto rendimento e tanto psicológico, como físico. É... vc tem que a cada dia, é... levar seu corpo ao limite.

- 2) A parte do psicológico é muito importante, porque com um psicólogo você consegue adquirir uma mentalidade que talvez você não adquiriu num momento mas ela ajudou você a adquirir mais rápido do que você poderia adquirir sozinho. Ela consegue você.... com a ajuda do psicólogo é... você consegue ter, pode ter mais tranquilidade na hora de algum, algum momento que você esteja passando é.... tanto da prova, como da competição ou em alguma fase do treinamento que você não esteja bem, ela pode te ajudar é... pra tran...te deixar mais tranquilo, é... deixar, pode deixar você é... a ter um outro pensamento, é...por exemplo um pensamento que você, que eu por exemplo, que você, você. Ela vai lá e te ajuda a ter um pensamento maior, é... fazer com que você enxergue que você é capaz, que você tem potencial, é... tem capacidade de fazer muitas coisas grandes, de não ser por exemplo, qualquer um, de tentar ser sempre o melhor. Sempre vai te levar, ela sem... é... o trabalho psicológico sempre vai tentar te levar a melhor performance mental possível pra você.

### **Sujeito 11**

- 1) Então, eu acho que é uma transição complicada porque a gente ainda é meio que adolescente passando pra vida adulta. Tem que começar a decidir o futuro né, carreira, o que quer fazer da vida, se vai realmente querer seguir na natação, porque na minha cabeça se não foi uma coisa que eu gosto vai ser meio que uma perda de tempo, porque eu não posso fazer duas coisas perfeitas ou eu estudo ou eu treino bem, é meio que complicado. Então, eu acho isso bem complicado porque também tem... a hora que faz essa transição muita gente começa a ver se “Ah gosto mais de sair do que ficar só treinando”, não é só questão de... de vida profissional é meio que vida social também. E as vezes você tem que se privar de muita coisa e muita gente não consegue se privar disso. Mas é uma decisão de carreira, é a mesma coisa que.... tipo eu quero fazer Medicina, eu quero fazer Psicologia, eu quero fazer Educação Física, a minha carreira seria ser atleta, tipo, uma formação.

- 2) Então eu acho que essa é uma das piores fases de uma pessoa tipo um adolescente tá começando a ter essa transição e ele tem que saber se ele quer continuar no esporte ou se ele quer estudar não sei, essa fase é meio complicada porque entra na faculdade e aí tem que conciliar os dois e eu acho que com um psicólogo, ele trabalha muito essa parte mental tipo... o que você realmente quer, como você tem que lidar com as coisas. Hoje em dia tem muito essa questão de depressão essas coisas e as pessoas tem que saber lidar com isso acho que o psicólogo entra nesta fase mental mesmo para saber lidar com seus problemas e resolver. Principalmente na transição para a fase adulta né, não só no esporte. Eu acho que na vida mesmo.

### **Sujeito 12**

- 1) Ah tem que ter bastante foco né e concentração, tipo, saber que é isso que você realmente quer da sua vida né porque você meio que... não desiste mas tipo, você foca mais nisso do que em outras coisas né da sua vida, tipo faculdade e isso, pra mim né eu acho. E você tem que tá sempre bem concentrado tipo saber que é isso que você quer pra seguir sua vida. Acho que é isso.
- 2) Ah é que nesta fase tipo, a gente passa por muitas mudanças, tipo, tanto na escola, escolhas, acho que na vida assim. E tipo, o psicólogo ajuda a lidar com as frustrações da vida assim e do esporte também porque nem sempre você vai dar o seu melhor né, no esporte. Então ele ajuda a você a tipo lidar com isso e aprender a trabalhar em cima disso, das frustrações.

### **Sujeito 13**

- 1) Ah, é... acho que pra mim tá sendo bem normal, sabe?! Porque desde o ano passado eu tenho pensado nisso e pensado no que eu quero fazer da escola e da natação. Então eu já tenho meio que um planejamento pra... pro ano que vem e pro próximo ano. Tipo seria terminar o terceiro esse ano, aí eu faria um ano de inglês ano que vem, aí ou no ano que vem ou no próximo eu queria fazer um intercâmbio pra fora. Pra... sei lá fazer a faculdade lá fora ou ir treinar um pouco lá fora e aí depois voltar pra algum clube aqui, se der certo pro SESI mesmo, acho que seria isso.
- 2) Acho que é uma das partes mais importantes porque tipo... como você disse é uma fase de transição e se é uma fase de transição, sem apoio, você fica

meio desorientado assim. Então acho que é uma parte, senão a mais importante, uma das mais importantes. Pra... ou não desistir ou saber o que você vai fazer daqui pra frente.

#### **Sujeito 14**

- 1) Acho que é uma motivação. Porque você vê as pessoas mais velhas assim, você pensa que você tá chegando tipo, na hora de ficar treinando com eles. Aí isso te motiva pra treinar né. Porque você tem que chegar tipo num resultado logo, pra você poder acompanhar eles nos treinos. Sei lá. Eu acho isso.
- 2) Acho importante porque seu corpo tá começando.... você veio de uma fase da adolescência que seu corpo tá mudando aí seu corpo pára de mudar. Aí você começa a precisar de ajuda né, principalmente pra baixar o tempo porque quando seu corpo estagna você precisa fazer.... treinar bem mais pra conseguir abaixar o tempo. E você passa por várias coisas também né, psicólogo é sempre bom pra desabafar e pra se entender também.

#### **Sujeito 15**

- 1) Ah, pra mim é... é meio complicado assim né porque eu acabei de fazer a transição do juv para o júnior 1, mas pra mim tá sendo uma ótima experiência, é difícil, mas a gente tem que aprender a lidar com essas coisas né?! E o júnior 2 que acaba mais abandonando nesta fase né, tipo, por causa da escola, faculdade, início da faculdade. Então é uma fase meio difícil tipo, conciliar o estudo com a natação. Mas eu acho que é só uma questão de você tentar juntar tudo numa coisa que você quer pra frente, entendeu?! Que você sonha e acha que isso é uma coisa.... é uma coisa que você quer mesmo! Então você tem que ter muita determinação pra você continuar e conciliar tudo, o estudo com a natação, porque querendo ou não, na natação é bem difícil, né?! Porque é treino de manhã, escola a tarde e depois treino de novo é bem cansativo. Trabalho, prova.... e eu acho que a minha experiência pra poder ir pro sênior daqui dois anos, é tipo.... tá sendo complicado né, já tá sendo complicado esse ano que sou júnior 1. Pra mim eu acho que vou tentar conciliar a escola com estudos que esse é meu último ano no 3º ano. Então, pra depois vir a faculdade tudo, vai ter que.... vai vir certamente uma pressão por causa da faculdade, mas tudo depende do meu querer, né?! Se eu quero

isso mesmo isso pra minha vida ou não. Mas vem tudo isso da escola, vem uma... tipo cansaço e tudo vai desmotivando você, mas aí já vem do seu querer mesmo. É só isso.

- 2) Acho meio que essencial a gente ter esse suporte pelo fato da gente tá numa fase que a gente vai ter que amadurecer e eu acho que eles acabam ajudando a gente a desenvolver essa maturidade com alguns conselhos, ouvindo a gente. Talvez a gente não consegue lidar com tudo e eles acabam vindo pra gente acabar se sentindo melhor, acabar falando tudo pra eles e eles acabando dando suporte pra gente. Então, ainda mais nessa área eu acho bastante essencial, ainda mais nessa fase de transição que a gente tá tendo do júnior para o sênior, acho que é bem.... é essencial pra gente acho que... acho que ninguém teria o que reclamar disso.

### **Sujeito 16**

- 1) É... decisiva. Porque acho que é realmente a fase, né?! Onde a galera fala tipo, é... vou ou não vou, tipo... se realmente vai seguir isso pra carreira, pra vida, ou se vai seguir outro rumo. Ainda mais em questão, tipo... ainda mais tipo... na nossa dinâmica assim deste país que é muito tipo, vestibular, você precisa estudar muito pra entrar em uma faculdade. E também tem a coisa do apoio financeiro do esporte que acaba pesando também, então.... é complicado! Mas, é uma decisão assim... é realmente o que você quer fazer pra sua vida. Não sei, acho que é isso.
- 2) É, acho que acaba sendo uma fase né, muito decisiva e acho que surgem muitos questionamentos, as vezes a gente pode até acabar se perdendo muito, um pouco nisso. E acho que eles ajudam muito nesta questão de guiar assim, tipo levar você a pensar realmente o que você quer da sua vida é..... como tá sendo né, os treinos as competições. Acho que ajuda nesta parte mental assim do processo.

### **Sujeito 17**

- 1) Pra mim é uma experiência que eu vou estar competindo com atletas absolutos e isso vai me fazer... me motivar mais pra poder competir com os que são maiores que eu e... tentar igualar os tempos com quem já é categoria absoluta.

- 2) Eu acho importante a psicóloga porque não só ajuda... porque a gente acha que é só o físico né, e a psicóloga ajuda também na parte psicológica da pessoa, porque muitas das vezes não tem com quem conversar, é, buscar ajuda. E aí, a psicóloga do esporte, ela entra nesta parte, e... acho que é isso.

### **Sujeito 18**

- 1) É uma transição bem difícil né, porque... eu tive que sair de casa pra morar sozinho. E ainda vai ficar bem pior porque eu vou ter que conciliar os estudos com os treinos né?! Mas... eu vou conseguir. É isso.
- 2) Minha opinião é que é muito importante para os atletas pois nesta fase o nível de competições está cada vez maior e a cobrança de si mesmo também aumenta, podendo ocasionar uma sobrecarga emocional e consequentemente atrapalhar no desempenho do atleta. No meu caso, estou passando por uma depressão e o acompanhamento tem me ajudado bastante, acredito que não sou o único com esses problemas. A psicologia do esporte pode ajudar em muitas ocasiões.

### **Sujeito 19**

- 1) De mim?  
- Entrevistador: "É! Como é pra você esta transição?"  
Ah, é que normalmente, muitos atletas, eles param antes de fazer essa transição. Por conta de desmotivação ou porque o clube em si, né?! Faz com que eles não tenham mais acesso aqui e também tem uma fase das nossas vidas que a gente tem que fazer uma comparação tipo, né, dinheiro assim. Se ele não tá recebendo nada mas tá nadando, ele precisa mandar a vida dele pra frente, né?! Então, ele precisa trabalhar pra isso. Mas assim, a minha transição do júnior, do juvenil pro júnior foi... bem diferente, eu tô fazendo coisas que eu cheguei, aqui, não sabia nada. Mas eu tô gostando muito, tô me adaptando muito bem, é..... eu tô, eu me sinto mesmo uma júnior, tipo sou diferenciada para juvenil, é... mais maturidade, mais responsabilidade. É isso que eu acho.
- 2) É extremamente importante porque é uma fase em que o atleta está totalmente perdido e com a psicologia em si, pode ajudar a desenvolver um pouco o que ele quer durante o treino, que que ele tá pensando, o que que ele deve... da forma como deve reagir. E com isso, o psicólogo estuda a

mente dele pra poder depois ajuda-lo a desenvolver nisso e é extremamente importante também porque o atleta pode desabafar, pode falar o que ele pensa sem critica, sem.... sabe, essas coisas. E também o... as vezes o que que ele deve tá pensando, um técnico ou um atleta, um colega de treino, ele não vai poder ajudar como um psicólogo poderia. Então é extremamente importante e fundamental.

### **Sujeito 20**

- 1) Então, eu sou júnior 1. É.... essa transição foi muito complicada pra mim porque é totalmente diferente da vida que eu tinha antes pra vida de agora. Porque agora veio muita independência, que eu moro só né?! Então, ficar sem os pais, dá aquele medinho, tudo. Mas eu tô amando, eu... cara, tá sendo uma puta de uma experiência incrível, eu tô gostando muito e espero prosseguir com isso até.... é isso, eu acho.
- 2) Eu acho muito importante, ainda mais que a nataçãõ tem muitos altos e baixos né. E isso mexe muito com a cabeça de um atleta, aí ter sempre alguém ali pra estar conversando com você pra você falar sobre e tipo, como posso falar, é... ter, ter uma pessoa que sabe bem sobre isso né. Acho que é extremamente importante. Eu mesma gosto muito de conversar bastante.

## ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA E RESPONSÁVEL LEGAL

##### 1. DADOS DO INDIVÍDUO

Nome completo \_\_\_\_\_

Sexo  Masculino  
 Feminino

RG \_\_\_\_\_

Data de nascimento \_\_\_\_\_

Endereço completo \_\_\_\_\_

CEP \_\_\_\_\_

Fone \_\_\_\_\_

e-mail \_\_\_\_\_

##### 2. RESPONSÁVEL LEGAL

Nome completo \_\_\_\_\_

Natureza (grau de parentesco, tutor, curador, etc.) \_\_\_\_\_

Sexo  Masculino  
 Feminino

RG \_\_\_\_\_

Data de nascimento \_\_\_\_\_

Endereço completo \_\_\_\_\_

CEP \_\_\_\_\_

Fone \_\_\_\_\_

e-mail \_\_\_\_\_

#### II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

1. Título do Projeto de Pesquisa

Análise dos discursos de jovens nadadores na fase de transição da categoria Júnior para Sênior.

2. Pesquisador Responsável

Prof. Dr. Antonio Carlos Simões

3. Cargo/Função

Professor Titular da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

4. Avaliação do risco da pesquisa:

RISCO MÍNIMO     RISCO BAIXO     RISCO MÉDIO     RISCO MAIOR  
(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo)

5. Duração da Pesquisa

Dois anos

### **III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO INDIVÍDUO OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA, DE FORMA CLARA E SIMPLES, CONSIGNANDO:**

#### **1. Justificativa e os objetivos da pesquisa**

Seu filho foi convidado como voluntário a participar da pesquisa “Análise dos discursos de jovens nadadores na fase de transição da categoria Júnior para Sênior.” Nesta pesquisa pretendemos:

- Investigar através de uma entrevista qual percepção que ele tem sobre a fase de transição da categoria Júnior para a Sênior na carreira de atleta e saber a sua opinião sobre o trabalho com um psicólogo esportivo nesta fase de transição.

Muitos estudos atuais frequentemente exploram os aspectos psicossociais no esporte e suas contribuições ao desempenho do atleta ao longo de seu desenvolvimento. Temos na natação e em outras diversas modalidades muitos jovens que abandonam o esporte competitivo durante a fase de transição da categoria Júnior para a Sênior ou na fase de profissionalização, o que nos faz pensar na importância da investigação sobre este período na carreira de um atleta a fim de compreender quais fatores podem influenciar para a sua continuidade e como os indivíduos estão encarando este momento.

#### **2. Procedimentos que serão utilizados e propósitos, incluindo a identificação dos procedimentos que são experimentais**

Pretendemos utilizar um método chamado Discurso do Sujeito Coletivo – “DSC” – que poderá nos oferecer dados a respeito de como vocês encaram o fenômeno da transição entre estas fases no contexto da natação de alto rendimento.

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) foi criado e desenvolvido por Lefevre & Lefevre (2005) e se propõe a obter informações através de entrevistas moldadas por questões abertas.

Na entrevista seu filho responderá estas duas questões:

- Como é para você viver a transição do Júnior para o Sênior?
- Qual a sua opinião sobre o trabalho de um psicólogo do esporte com atletas que estão nesta fase?

Para esta pesquisa iremos entrevistar 20 nadadores de alto rendimento, que participam de competições promovidas pela Federação Aquática Paulista e pela Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos, de diversas classes sociais, com idade cronológica entre 17 e 20 anos ( $17 \leq X \leq 20$  anos) pertencentes às categorias Júnior I e II.

#### **3. Desconfortos e riscos esperados**

As pesquisas científicas em nível mundial nas quais o instrumento foi utilizado não demonstraram quaisquer desconfortos ou riscos; da mesma forma consideramos extremamente remota a possibilidade dos mesmos acontecerem.

#### **4. Benefícios que poderão ser obtidos**

Não haverá remuneração pela participação na pesquisa, porém, caracterizar o ambiente em que o atleta de alto rendimento está inserido e seus aspectos psicossociais pode contribuir ao seu autoconhecimento e conseqüentemente em seu desempenho, assim como beneficiará as instituições esportivas e o trabalho dos profissionais envolvidos.

#### **5. Procedimentos alternativos que possam ser vantajosos para o indivíduo**

O Esporte é a atividade humana que mais envolve pessoas e grupos no mundo; é conhecida a importância da Psicologia do Esporte neste contexto. Sendo assim, compreender a dinâmica psicossocial em que os atletas de alto rendimento estão inseridos pode beneficiar a todos os envolvidos na prática esportiva. Os resultados esperados podem fornecer informações relevantes e auxiliar os indivíduos a aprimorar o autoconhecimento e suas habilidades sociais.

### **IV - ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA:**

1. acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para anular eventuais dúvidas;
2. liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuidade da assistência;
3. salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade; e
4. disponibilidade de assistência no HU ou HCFMUSP, por eventuais danos à saúde, decorrentes da pesquisa.

**V - INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE INTERCORRÊNCIAS CLÍNICAS E REAÇÕES ADVERSAS.**

- Prof. Dr. Antonio Carlos Simões – Escola de Educação Física e Esporte – USP – Av. Prof. Mello de Moraes, 65 - Cidade Universitária – CEP: 05508-030 - São Paulo - SP Tel. 55 (11) 3091-2138.  
- Comitê de Ética em Pesquisa – Escola de Educação Física e Esporte – USP - Av. Prof. Mello de Moraes, 65 - Cidade Universitária – CEP: 05508-030 - São Paulo - SP Tel. 55 (11) 3091.3097.  
- Elis Mayara Moreira de Bellis – Av. Brigadeiro Faria Lima, 1811. Cj 816 – Jardim Paulistano – CEP: 01452-925 – São Paulo – SP Tel. 55 (11) 99239-6466.

**VI. - OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES**

**VII - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO**

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa.

São Paulo, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
assinatura do responsável legal

\_\_\_\_\_  
assinatura do pesquisador  
(carimbo ou nome legível)

## ANEXO B: TERMO DE ASSENTIMENTO

---

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE**  
 Comitê de Ética em Pesquisa

### Termo de Assentimento

Você está sendo convidado como voluntário a participar da pesquisa “Análise dos discursos de jovens nadadores na fase de transição da categoria Júnior para Sênior.” Nesta pesquisa pretendemos:

- Investigar através de uma entrevista qual a sua percepção sobre a fase de transição da categoria Júnior para a Sênior na carreira de atleta e saber a sua opinião sobre o trabalho com um psicólogo esportivo nesta fase de transição.

Muitos estudos atuais frequentemente exploram os aspectos psicossociais no esporte e suas contribuições ao desempenho do atleta ao longo de seu desenvolvimento. Temos na natação e em outras diversas modalidades muitos jovens que abandonam o esporte competitivo durante a fase de transição da categoria Júnior para a Sênior ou na fase de profissionalização, o que nos faz pensar na importância da investigação sobre este período na carreira de um atleta a fim de compreender quais fatores podem influenciar para a sua continuidade e como os indivíduos estão encarando este momento.

Nesse sentido, o método que pretendemos utilizar, o Discurso do Sujeito Coletivo – “DSC” – poderá nos oferecer dados a respeito de como vocês encaram o fenômeno da transição entre estas fases no contexto da natação de alto rendimento.

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) foi criado e desenvolvido por Lefevre & Lefevre (2005) e se propõe a obter informações através de entrevistas moldadas por questões abertas.

Na entrevista você responderá a duas questões:

- Como é para você viver a transição do Júnior para o Sênior?
- Qual a sua opinião sobre o trabalho de um psicólogo do esporte com atletas que estão nesta fase?

Para esta pesquisa iremos entrevistar 20 nadadores de alto rendimento, que participam de competições promovidas pela Federação Aquática Paulista e pela Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos, de diversas classes sociais, com idade cronológica entre 17 e 20 anos ( $17 \leq X \leq 20$  anos) pertencentes às categorias Júnior I e II.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos. Você não será identificado em nenhuma publicação.

Os riscos envolvidos na pesquisa são mínimos, as pesquisas científicas em nível mundial nas quais o instrumento foi utilizado não demonstraram quaisquer desconfortos ou riscos; da mesma forma consideramos extremamente remota a possibilidade dos mesmos acontecerem.

Caracterizar o ambiente em que o atleta de alto rendimento está inserido e seus aspectos psicossociais pode contribuir ao desempenho do próprio atleta, mas também beneficiará as instituições esportivas e o trabalho dos profissionais envolvidos. Os resultados esperados podem fornecer informações relevantes e auxiliar os indivíduos a aprimorar o autoconhecimento e suas habilidades sociais.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais: sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, \_\_\_\_\_, portador(a) do documento de Identidade \_\_\_\_\_, fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável

poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi o termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) menor

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

- Prof. Dr. Antonio Carlos Simões – Escola de Educação Física e Esporte – USP – Av. Prof. Mello de Moraes, 65 - Cidade Universitária – CEP: 05508-030 - São Paulo - SP Tel. 55 (11) 3091-2138.

- Comitê de Ética em Pesquisa – Escola de Educação Física e Esporte – USP - Av. Prof. Mello de Moraes, 65 - Cidade Universitária – CEP: 05508-030 - São Paulo - SP Tel. 55 (11) 3091.3097.

- Elis Mayara Moreira de Bellis – Av. Brigadeiro Faria Lima, 1811. Cj 816 – Jardim Paulistano – CEP: 01452-925 – São Paulo – SP Tel. 55 (11) 99239-6466.